

BATATA

CHOQUE DE COMPETITIVIDADE



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

Para ganhar maior destaque na bataticultura mundial, o Brasil precisa de um choque de gestão em suas propriedades

**O Banco do Brasil multiplica
as oportunidades de financiamento para
você fazer o mesmo com seus negócios.**

bb.com.br

Central de Atendimento BB: Capitais e Regiões Metropolitanas 4004-0001 – Demais Localidades 0800 729 0001

No Banco do Brasil é possível obter recursos para financiar toda a produção, do custeio à comercialização, com as melhores condições do mercado. Trabalhar com o maior parceiro do agronegócio brasileiro faz toda a diferença.
www.agronegocios-e.com.br

O tempo
todo com
VOCÊ



O SETOR PRECISA DE UM PROGRAMA CONTÍNUO DE PRODUÇÃO DE CULTIVARES NACIONAIS

A **Hortifruti Brasil** avalia o setor brasileiro de batata nesta edição sob a ótica da competitividade, dando seqüência aos estudos de modernização da cadeia apresentados em novembro de 2005. Unindo os dois trabalhos, pode-se observar que o Brasil está mal posicionado no *ranking* dos países mais competitivos na produção de batata, principalmente por ofertar um tubérculo pouco adaptado ao clima brasileiro e ao perfil atual do consumidor do País. Com isso, abrimos espaço para o produto importado.

Essas duas edições mostram que é possível ao setor se modernizar e se tornar mais competitivo em termos mundiais. Isso depende, principalmente, da superação de alguns desafios, como altos custos de produção, que limitam o desenvolvimento da agroindústria, e a baixa eficiência do sistema de comercialização do produto *in natura* no País. Esses dois pontos

estão interligados, e a solução, portanto, deve ser integrada.

O ponto de partida é a implementação de um programa brasileiro contínuo de produção de cultivares adaptadas ao clima, solo e ao consumidor brasileiro. Para isso, é necessária a seleção de 160 mil clones anuais, no mínimo, para que seja introduzido no mercado uma cultivar por ano, atingindo o padrão internacional de melhoramento.

Por enquanto, a Embrapa Hortalças pretende produzir uma cultivar a cada quatro anos, nos próximos anos. Mas, se o setor depender apenas desses esforços e dos escassos recursos financeiros e humanos, a competitividade do Brasil deve permanecer baixa na próxima década, em relação aos países de destaque. É importante quebrar o paradigma de que o País não tem condições edafoclimáticas capazes de produzir a batata com custo e qualidade semelhante aos da Argentina, Estados Unidos ou Holanda, por exemplo.

A intenção deste *Especial Batata* é conscientizar o produtor de que esse argumento deve ser repensado, pois são as cultivares disponíveis no mercado que não são adaptadas ao País e, por isso, não somos competitivos atualmente. Iniciativas como a da Embrapa, por exemplo, deveriam ter um apoio maior do setor produtivo, tanto em investimento financeiro quanto em parcerias e troca de experiências.



Daniel Hiroshi Nakano (esq.) e João Paulo Bernardes Deleo foram os organizadores desta Matéria de Capa.

TATTOO C

O fungicida eficiente em qualquer clima

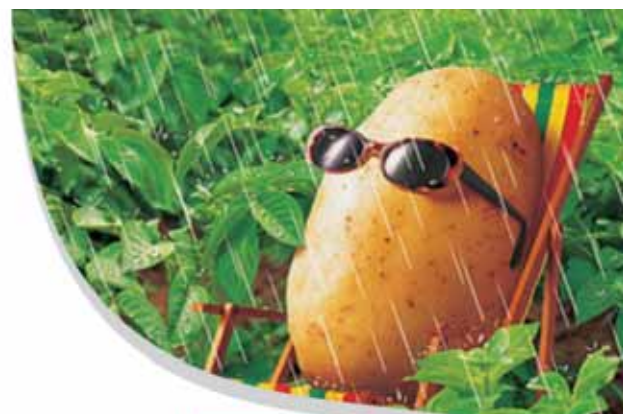
- Mecanismo de ação único, excelente no manejo de resistência à requeima.
- Uso preventivo com ação de contato e sistêmica.
- Efeito anti esporulante.
- Flexibilidade de dosagem.
- Resistente à lavagem pela água.
- Controle eficaz da requeima.

 **MILENIA**

Soluções que valorizam a vida

www.milenia.com.br

R. Pedro Antonio de Souza, 400 | Jd. Eucaliptos
cep 86031-610 | Fone/fax: (43) 3371-9000



ATENÇÃO

- Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio-ambiente.
- Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, no bula e no resumo.
- Utilize sempre os equipamentos de proteção individual.
- Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.



Custos de produção elevados e baixa produtividade são os maiores problemas da bataticultura brasileira. O setor precisa de um choque de gestão.

Fórum 30

O chefe-geral da Embrapa Hortaliças José Amauri Buso e o agrônomo Paulo Roberto Popp falam sobre a importância do material genético para ampliar a competitividade da bataticultura nacional.

20 Cebola

21 Tomate

22 Batata

24 Manga

25 Melão

26 Mamão

27 Uva

28 Banana

29 Citros

Resultados mais completos desta pesquisa poderão ser solicitados pelos e-mails: zambolim@ufv.br e opalocci@itelefonica.com.br



CARTAS

PIB DA BATATA: A FÓRMULA PARA GANHAR COMPETITIVIDADE NO SETOR

Aproveitando o *Especial Batata* da Hortifruti Brasil, que tem como foco a competitividade e a sustentabilidade da cadeia, trazemos resultados preliminares da pesquisa para adaptar os conceitos de Produção Integrada à cadeia da batata. O estudo foi realizado em três campos experimentais de Produção Integrada na região sul de Minas Gerais, onde foram plantadas variedades comerciais em áreas de 2 ha entre fevereiro e agosto deste ano. Foram monitoradas as principais práticas de manejo da planta e do solo: fitossanidade, economicidade de resíduos de defensivos e qualidade da batata produzida. Os resultados indicam que o custo geral de produção do tubérculo reduziu em função do uso racional de fertilizantes e defensivos no sistema de Produção Integrada da Batata (PIB), em relação ao padrão convencional de condução das lavouras. No geral, a condução das lavouras no sistema de produção integrada reduziu o custo em torno de R\$ 2,77/sc (para o PIB sem tratamento de defensivos no sulco de plantio) e R\$ 3,34/sc (para o PIB com tratamento de defensivos no sulco de plantio). Considerando o preço recebido pelo produtor no período da pesquisa o mesmo para os dois sistemas – em torno de R\$ 18,00/sc – a rentabilidade obtida no PIB foi superior ao do sistema convencional.

Laércio Zambolim e Marcelo Coutinho Picanço (Universidade Federal de Viçosa); Orlando Palocci Neto e José Daniel Rodrigues Ribeiro (ABASMIG); Raul Maria Cássia (EMATER-MG).

Tabela 1: Custo de produção de batata comparado entre o sistema convencional e o sistema da Produção Integrada.

Itens	Produção convencional com Clorpirifos* e Azoxystrobin* no sulco de plantio (R\$)	PIB sem inseticidas no sulco de plantio (R\$)	PIB com Thiametoxam* e Azoxytrobin* no sulco de plantio (R\$)
Tubérculo (semente)	2.200,00	2.200,00	2.200,00
Custo de defensivos	2.043,00	1.659,73	1.887,73
Custo da fertilização	1.878,00	1.616,00	1.616,00
Outros custos	3.182,50	3.200,00	3.400,00
Custo total	9.304,23	8.695,73	9.103,73
Produção total (sc/ha 50 kg)	725	750	870
Produção comercial (sc/ha 50 kg)	585	662	725
Custo /sc 50 kg	15,90	13,13	12,56
Preço de venda R\$/sc 50 kg	18,00	18,00	18,00
Lucro R\$/sc 50 kg	2,10	4,90	5,45
Lucro (% rentabilidade)	12	27	30

* Defensivos empregados em doses recomendadas pelos fabricantes.

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/ESALQ

Editor Científico:
Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Econômica:
Margarete Boteon

Editora Executiva:
Rafaela Cristina da Silva

Conselheira Editorial:
Carolina Dalla Costa

Diretor Financeiro:
Sergio De Zen

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva - MTB: 27368

Revisão:
Ana Julia Vidal e Paola Garcia Ribeiro

Equipe Técnica:
Aline Vitti, Álvaro Legnaro, Bianca Cavicchioli, Bruna Boaretto Rodrigues, Carlos Alexandre Almeida, Daiana Braga, Daniel Hiroshi Nakano, Francine Pupin, Jefferson Luiz de Carvalho, João Paulo B. Deleo, Margarete Boteon, Magarita Mello, Rafaela Cristina da Silva.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Lambari Design Editorial - Tel: 19 3435-7503

Impressão:
Mundo Digital - Gráfica e Editora

Tiragem:
8.000 exemplares

Contato:
C.Postal 132 - 13400-970 Piracicaba, SP
Tel: 19 3429-8809
Fax: 19 3429-8829
hfrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/ESALQ. A reprodução de matérias publicadas pela revista é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte Hortifruti Brasil/Cepea e a devida data de publicação.

PREVENÇÃO
INTEGRADA BAYER


PINBa

SOCIEDADE DA COMUNICAÇÃO

Prevenção é Produtividade com Qualidade.



www.bayercropscience.com.br

Com PINBa, a batata é mais batata.

PINBa, Prevenção Integrada Bayer, é mais que um programa, é uma idéia. Um conceito que reúne as melhores soluções de prevenção para todas as culturas hortifruti.

Com PINBa, a batata fica protegida de pragas e doenças, resultando em mais produtividade e qualidade.

PINBa na batata. E é só você colher.



CHOQUE DE COMPETITIVIDADE

Para ganhar maior destaque na bataticultura mundial, o Brasil precisa de um choque de gestão em suas propriedades

Por Daniel Hiroshi Nakano e João Paulo Bernardes Deleo
Colaboração: Margarete Boteon

A produção de batata nos países em desenvolvimento deve superar a do bloco desenvolvido nas próximas décadas. Essa estimativa é fundamentada na maior disponibilidade de área, na perspectiva de aumento do consumo *per capita* e na difusão de tecnologia de produção nos países em desenvolvimento. Entre esses, os asiáticos despontam como mais promissores que os da América Latina.

O Brasil, porém, tem condições de avançar nesse setor e aumentar sua competitividade. Isso depende, principalmente, da superação de alguns desafios, como os altos custos, que hoje limitam a expansão da agroindústria, e

a melhora do sistema de comercialização do produto *in natura* no País.

Para vencer essas limitações, é importante acompanhar o avanço da bataticultura nos principais países produtores e observar seus aspectos competitivos e também os possíveis entraves para o crescimento da produção nessas regiões. Com esse propósito, a **Hortifruti Brasil** comparou os indicadores de competitividade da bataticultura global com os da nacional e aponta, no estudo apresentado a seguir, as principais barreiras que ainda impedem o desenvolvimento do setor no País e também caminhos para superá-las.



PERSPECTIVAS PARA A BATATICULTURA MUNDIAL

Países em desenvolvimento serão os principais produtores:

A produção de batata dos países em desenvolvimento ultrapassará a dos desenvolvidos até o final da próxima década. O ganho de produtividade asiática, africana e latina poderá impulsionar a produção, enquanto a modernização em países do leste europeu e da Rússia deve seguir lenta.

Sustentação do consumo global:

- O consumo global só será mantido ou elevado se a Ásia continuar a crescer nos níveis atuais. Analistas acreditam que a população asiática está diversificando sua base alimentar, aumentando o consumo de batata em substituição, parcial, ao arroz. Com isso, a taxa de crescimento do consumo mundial poderia se manter elevada, compensando a redução observada nos países europeus.

Concentração da estrutura produtiva:

O uso de tecnologias que proporcionem elevação da produtividade e o aumento da escala será vital para a manutenção da rentabilidade do setor produtivo. No entanto, a intensificação da produção pode ser limitada em alguns países por restrições ambientais.

Crescimento do comércio global:

O crescimento da industrialização pode impulsionar o comércio mundial do tubérculo, favorecido pelo aumento da demanda por alimentos prontos, como salgadinhos e aperitivos, especialmente na Ásia, África e América Latina. Para acompanhar esse avanço, é importante o aumento da competitividade nacional. Muitos países não suportarão a concorrência das batatas pré-fritas congeladas importadas, principalmente porque sua produção não é viável em pequena escala.



Batata: um mercado de 60 bilhões de dólares

Apesar de a batata ser considerada apenas mais um item do grupo das hortaliças no Brasil, mundialmente, sua importância em termos de consumo humano é comparável à de grandes *commodities*, ficando atrás somente do trigo, do arroz e do milho. Segundo cálculos da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), o valor mundial da produção do tubérculo foi de aproximadamente US\$ 63 bilhões, em 2003¹. Em 2005, foram produzidas 300 milhões de toneladas de batata em uma área de 18 milhões de hectares.

Apesar de ser um produto típico de hábitos alimentares europeus, a distribuição geográfica do plantio do tubérculo tem se alterado nas últimas décadas. Em 1961, 51% da produção mundial era concentrada na Europa, enquanto a Ásia era responsável por 9%. Desde o início da década de 90, a participação asiática vem se intensificando e, em 2005, já tinha o mesmo percentual que a Europa na produção mundial, 41%.

O avanço do produto na Ásia contribuiu com a distribuição dos plantios no mundo. Hoje, a Ásia produz 80% do volume dos países em desenvolvimento, sendo que só a China responde por 20% da produção global, destacando-se como maior produtor mundial. Um dos fatores para esse movimento é a fácil adaptação da batata a regiões com diferentes condições climáticas. Além disso, é um importante alimen-

A comercialização da batata processada tem ganhado espaço. O seu crescimento no mercado mundial é mais promissor que o da batata *in natura*





A Ásia produz **80%**
do volume dos países
em desenvolvimento.
Só a China responde
por **20%**
da produção global

to em países populosos, como a China e a Índia, e fonte de carboidrato, potássio, proteína e vitamina C.

Na China, o que também estimulou o cultivo foi a diversificação das culturas agrícolas em substituição à monocultura do arroz. Atualmente, o país está investindo em pesquisas para ampliar a produção e fortalecer a indústria nacional do tubérculo processado². A projeção é que o mercado chinês de batata pré-frita congelada cresça 20% ao ano (nos próximos anos)³.

**O ganho de produtividade asiática
nos próximos anos
consolidará os países
em desenvolvimento como
maiores produtores de batata**

A produtividade chinesa também deve aumentar significativamente, sobretudo com a introdução de novas variedades resistentes a doenças. Atualmente, porém, o baixo potencial genético do tubérculo ainda é um fator limitante à produtividade no país. Nesta década, a produtividade da China permanece próxima a 16 t/ha, ainda muito baixa em comparação à

de países desenvolvidos.

Mesmo com a globalização da produção do tubérculo, o comércio externo ainda é muito pequeno em comparação ao mercado doméstico dos países produtores. Das mais de 300 milhões de toneladas produzidas por ano, as exportações da batata *in natura* se restringiram a 9 milhões de toneladas em 2005. Os elevados custos de pós-colheita e de logística em função da perecibilidade do produto inviabilizam o transporte a longas distâncias.

O protecionismo é outro fator que limita o comércio global. São praticadas “políticas de fronteiras” como taxas, cotas de importação e barreiras fitossanitárias que acabam por dificultar negociações com o tubérculo. Por outro lado, a literatura internacional não aponta subsídios diretos à produção de batata.

Apesar de as exportações de batata *in natura* terem gerado uma receita muito similar à do produto congelado em 2005, cerca de US\$ 3 bilhões, a comercialização da batata processada tem ganhado espaço. Na avaliação de analistas, a área de processamento é que tem o crescimento mais promissor globalmente. Mais da metade da área da União Europeia e também de países em desenvolvimento, como a Argentina, Colômbia, China e Egito, já é destinada à produção de variedades específicas para processamento.

A alteração dos hábitos alimentares da população mudou a forma de consumo de batata. Analisando os consumidores de países produtores de elevada produção per capita do tubérculo – acima de 100 kg/hab/ano –, pode-se observar que a batata *in natura* está perdendo espaço na cesta de compras da população, principalmente entre os de renda mais elevada da Europa. Países do leste e do oeste europeu consomem, respectivamente, 200 e 120 kg/hab/ano (média de 2002 a 2004); há 20 anos, consumiam cerca de 400 kg e 150 kg, respectivamente.

Na Alemanha, por exemplo, o consumo *per capita* atual de batata é de 66,8 kg, dos quais 32 kg são do produto *in natura*⁴. Em 1960, o consumo era de 100 kg/hab/ano. Uma das razões da menor ingestão da batata *in natura* é o aumento de renda da população, que impulsiona a compra do processado e a substituição da batata por um leque maior de opções de alimentos, inclusive o arroz. A perspectiva é que o consumo do tubérculo *in natura* continue reduzindo na Alemanha, mas a produção deve ser sustentada pela demanda das processadoras.

Enquanto os alemães trocam batata por arroz, os asiáticos seguem na direção oposta. A Ásia quase duplicou sua produção *per capita* em 20 anos, passando de 20 kg/hab (década de 80) para 34 kg/hab (década de 2000). Na África, o crescimento da produção *per capita* no período (da década de 80 à atual) foi na ordem de 50%. O maior aumento foi registrado na região ao norte do continente, sendo essa produção voltada a atender a “janela de produção” do inverno europeu.

Na América do Sul, o consumo *per capita* encontra-se praticamente estável nos últimos 20 anos. O perfil da produção de batata nesses países é muito heterogêneo. Os mais tecnificados são o Chile e a Argentina². Na literatura internacional, a produção brasileira, no final da década passada, era comparada à mexicana e à peruana, que apresentavam nível de tecnificação de baixo a médio.

Os Estados Unidos foram um dos poucos países desenvolvidos com tradição no cultivo do tubérculo que avançou o seu consumo nesta década. O avanço tecnológico no campo e a criação de uma indústria forte da

Quando se avaliam a modernização da bataticultura e o aumento da competitividade global, os destaques são o ganho de escala e o aumento do uso de tecnologias



Foto: www.uspotatoes.com

batata foram vitais para o crescente consumo nesse país. Destacam-se nesse processo também a ascensão da comida congelada e a utilização do forno de microondas².

O consumo *per capita* passou de 65 kg/hab (média dos anos de 1982 a 1984) para 71 kg/hab (média dos anos de 2002 a 2004). Atualmente, 32% do que é produzido no país é comercializado *in natura*, 60% vai para o processamento e o restante é destinado para semente. Vale lembrar que nas décadas passadas o consumo *per capita* encontrava-se em queda.

Ao contrário dos demais países desenvolvidos com importância econômica no setor da batata, no último século, os Estados Unidos conseguiram tornar a bataticultura um dos setores de grande expressão do agronegócio do país. Um dos fatores que promoveu o avanço da bataticultura norte-americana foi sua concentração fundiária e regional, longe dos grandes centros mas com recursos naturais mais abundantes, incluindo os hídricos.

A excelente infra-estrutura logística do país possibilitou sua distribuição nacionalmente. A produtividade dos Estados Unidos, em 20 anos, saltou de 34 t/ha (1983/85) para 43 t/ha (2003/05), segundo dados da FAO.

No geral, quando se avaliam a modernização da bataticultura e o aumento da competitividade global, os destaques são o ganho de escala e o aumento do uso de tecnologias. A irrigação, por exemplo, foi uma das técnicas que mais contribuiu para o aumento da produção de batata no mundo, e a previsão é que metade da área global de batata será irrigada na próxima década².

A agricultura de precisão é outra tecnologia que está sendo adaptada pelas propriedades mais modernas, para garantir uma lucratividade maior. As melhorias na logística e na comercialização também são pontos-chave para ampliar a competitividade das áreas de alto potencial produtivo.

Outra questão importante é a volatilidade dos preços do tubérculo. Nos Estados Unidos, a oscilação dos preços diminuiu com o aumento dos contratos das processadoras de batata com produtores. Os riscos de mercado, até então dado pelos choques de oferta, passaram a ser as características do produto, como teor de matéria seca.



Mais qualidade e economia em cada aplicação.

Amistar

A evolução natural e mais econômica dos fungicidas

© Syngenta, 2006.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo



Venda sob receita de agrônomo



C.a.s.a. 0800 704 4304

CENTRO AVANÇADO SYNGENTA DE ATENDIMENTO
DÚVIDAS - SUGESTÕES - EMERGENCIAS

www.syngenta.com.br



Altos custos e baixa produtividade limitam a competitividade nacional

Ao avaliar o *ranking* dos principais produtores de batata e dos países com maior produtividade, nos últimos 20 anos, é possível observar que o Brasil pouco avançou em termos de competitividade global (veja análise da competitividade brasileira ao lado). Mesmo com o uso mais intensivo de tecnologia, o País ocupa o 50º lugar entre os países de melhor produtividade entre os anos de 2003 e de 2005. Essa posição representa um avanço em relação ao 67º lugar ocupado entre 1983 e 1985.

O Brasil praticamente não alterou sua posição entre os maiores produtores mundiais, mantendo-se como o 18º produtor (em volume). A melhora brasileira no *ranking* mundial foi verificada, principalmente, após a formação do Mercosul e a abertura comercial do País na década passada. O Brasil foi o 11º maior importador mundial da batata congelada entre os anos de 2002 e 2004, comprando US\$ 48 milhões de batata congelada no período. Há 10 anos, o Brasil ocupava o 17º lugar do *ranking* e gastava US\$ 4 milhões com importações.

O avanço do País no comércio global, no entanto, reafirma a baixa competitividade internacional da bataticultura brasileira. O crescimento das importações do tubérculo é estimulado principalmente pela ausência de uma agroindústria nacional. O Brasil importa e praticamente não exporta.

Um dos indicadores que mostra a baixa competitividade brasileira no mercado global é o preço recebido pelo produtor brasileiro em relação ao obtido pelos bataticultores dos países que detêm melhor tecnologia. O preço médio recebido pelo produtor nacional, entre 2002 e 2004, ficou em torno de US\$ 10,00/sc de 50 kg, enquanto que os bataticultores dos dez países com melhor produtividade receberam em torno de US\$ 8,00/sc de 50 kg, segundo a FAO¹.

Saindo da perspectiva mundial, que engloba mais de 250 países, para focar a América do Sul, observa-se que o Brasil teve avanços significativos. A expectativa é que a produção brasileira ultrapasse a peruana, resultando na consolidação do Brasil como maior produtor do Hemisfério Sul nos próximos anos. Atualmente, o País é o segundo maior produtor de batata da América do Sul e está muito próximo do primeiro, o Peru. Enquanto o Brasil produziu cerca de 3 milhões de toneladas entre os anos de 2003 e 2005, o Peru produziu 3,150 milhões de toneladas.

Apesar das boas condições climáticas do Peru para a produção de batata, a produtividade é muito pequena devido à baixa qualidade da semente. A sua estrutura fundiária pulverizada em pequenos módulos também dificulta a modernização de sua estrutura produtiva. No Peru, 63% da área cultivada é de produtores com áreas de até cinco hectares. O principal avanço da bataticultura brasileira foi o aumento da produtividade. As médias obtidas de 2003 a 2005 entre os 10 países de melhor tecnologia encontravam-se superiores a 40 t/ha, enquanto no Brasil era de 21 t/ha – entre 1983 e 1985, porém, era de ape-

PREÇO PAGO AOS PRODUTORES DOS PAÍSES COM MAIOR PRODUTIVIDADE (US\$/kg)

Ranking	País	Década de 2000*
1	Nova Zelândia	5,58
2	Bélgica	3,27
3	Holanda	4,54
4	Estados Unidos	7,17
5	França	16,18
6	Reino Unido	7,06
7	Alemanha	4,72
8	Dinamarca	8,59
9	Irlanda	7,93
10	Suíça	14,77
	Média	7,98
50	Brasil	10,15

*Média dos preços dos países de maior produtividade, (2002/2004)

RANKING DE COMPETITIVIDADE BRASIL X MUNDO

ÁREA MUNDIAL PRINCIPAIS PAÍSES (ha)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	União Soviética	1	Rússia	1	China
2	China	2	China	2	Rússia
3	Polônia	3	Polônia	3	Ucrânia
4	Índia	4	Ucrânia	4	Índia
5	Alemanha	5	Índia	5	Polônia
...
16	Brasil	16	Brasil
...
...	22	Brasil

Fonte: FAO

PRODUÇÃO MUNDIAL PRINCIPAIS PAÍSES (t)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	União Soviética	1	China	1	China
2	Polônia	2	Rússia	2	Rússia
3	China	3	Polônia	3	Índia
4	Alemanha	4	Estados Unidos	4	Estados Unidos
5	Estados Unidos	5	Ucrânia	5	Ucrânia
...
...	18	Brasil
...	...	19	Brasil
20	Brasil

Fonte: FAO

BATATA CONGELADA: IMPORTADORES LÍQUIDOS PRINCIPAIS PAÍSES (t)

Ranking	Década de 90 ⁽⁴⁾
1	Japão
2	Alemanha
3	Reino Unido
4	França
5	Itália
...	...
...	...
...	...
...	...
17	Brasil

Ranking	Década de 2000 ⁽⁵⁾
1	Reino Unido
2	Japão
3	Itália
4	Estados Unidos
5	Alemanha
...	...
...	...
11	Brasil

Fonte: FAO

(4) Média por país - exportação menos importação - 1992 a 1994

(5) Média por país - exportação menos importação - 2002 a 2004

PRODUTIVIDADE MUNDIAL PRINCIPAIS PAÍSES (t/ha)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Israel	1	Nova Zelândia	1	Nova Zelândia
2	Holanda	2	Holanda	2	Bélgica
3	Suíça	3	Suíça	3	Holanda
4	Reino Unido	4	Reino Unido	4	Estados Unidos
5	Dinamarca	5	Estados Unidos	5	França
...
...	50	Brasil
...	...	58	Brasil
67	Brasil

Fonte: FAO

PRODUÇÃO PER CAPITA PRINCIPAIS PAÍSES (kg/hab/ano)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Polônia	1	Bielo - Rússia	1	Bielo - Rússia
2	Holanda	2	Polônia	2	Holanda
3	União Soviética	3	Holanda	3	Lituânia
4	Chipre	4	Latvia	4	Ucrânia
5	Romênia	5	Estônia	5	Polônia
...
...
64	Brasil
...	...	96	Brasil
...	103	Brasil

Fonte: FAO



(1) Média por país entre 1983 e 1985 - (2) Média por país entre 1993 e 1995 - (3) Média por país entre 2003 e 2005.

nas 12 t/ha. Essa marca posiciona o Brasil como o segundo em produtividade na América do Sul, ficando atrás somente da Argentina, que produz cerca de 28,5 t/ha (2003 e 2005).

O ganho de produtividade e a concentração fundiária no Brasil, no entanto, não impulsionaram a rentabilidade no campo e nem reduziram os custos para os patamares dos vizinhos sul-americanos. Isso pode ser verificado analisando o preço ao produtor. Utilizando este índice como uma estimativa de custo de produção somado a uma pequena margem de lucro, observamos que o custo do produto brasileiro só não é maior do que em países como o Paraguai e o Uruguai – de baixa tecnologia de produção. O preço recebido pelo produtor argentino é próximo de US\$ 7,00/sc enquanto o do brasileiro fica em torno de US\$ 10,00/sc (2002/04).

Dos três países de melhor tecnologia na América do Sul (Chile, Argentina e Brasil) atualmente, a Argentina, por ter a melhor produtividade (28,5 t/ha), constitui-se em um exportador para o Brasil. Nossa produtividade é similar à do Chile, mas como temos um mercado doméstico maior, somos considerados um importador líquido – a receita com importações supera as exportações, tanto de sementes quanto do produto industrializado.

O Brasil é o foco dos principais exportadores que visam o mercado latino. Importamos mais que o dobro dos demais países sul-americanos de batata pré-frita congelada, por exemplo. A atratividade brasileira é dada pelo tamanho da sua população apesar do volume relativamente baixo da produção por habitante, cerca de 17 kg/ano (2002/04). No Peru, a produção é superior a 100 kg/hab/ano (2002/04). No Brasil, há vários substitutos alimentares para a batata, enquanto que em países de importância econômica na produção de batata as opções são menores.

Mesmo que a produção *per capita* de batata do Brasil mantenha-se estável nos próximos 10 anos, o aumento da população brasileira manterá o País atrativo para os exportadores do produto congelado. A perspectiva é que, em 2020, a população brasileira atinja 220 milhões de habitantes - atualmente é de 187 milhões, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



AMÉRICA DO SUL: PREÇO RECEBIDO PELO PRODUTOR US\$/sc 50 kg

Ranking	América do Sul	Década de 2000*
1	Peru	6,00
2	Argentina	6,80
3	Chile	7,03
4	Equador	7,23
5	Bolívia	7,29
6	Colômbia	9,92
7	Brasil	10,15
8	Paraguai	10,59
9	Uruguai	11,97
	Média	8,56

*Média dos preços dos países de maior produtividade, (2002/2004)

Fonte: FAO

BATATA CONGELADA: IMPORTADORES LÍQUIDOS AMÉRICA DO SUL (t)

Ranking	Década de 90 ⁽⁴⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽⁵⁾
1	Brasil	1	Brasil
2	Argentina	2	Chile
3	Uruguai	3	Equador
4	Chile	4	Uruguai
5	Peru	5	Peru
6	Equador	6	Paraguai
7	Colômbia	7	Bolívia
8	Paraguai	8	Colômbia
9	Bolívia	9	Guiana

(4) Média por país - exportação menos importação - 1992 a 1994

(5) Média por país - exportação menos importação - 2002 a 2004

Fonte: FAO

RANKING DE COMPETITIVIDADE

BRASIL X AMÉRICA DO SUL

ÁREA: AMÉRICA DO SUL (ha)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Peru	1	Peru	1	Peru
2	Brasil	2	Colômbia	2	Colômbia
3	Colômbia	3	Brasil	3	Brasil
4	Bolívia	4	Bolívia	4	Bolívia
5	Argentina	5	Argentina	5	Argentina
6	Chile	6	Equador	6	Chile
7	Equador	7	Chile	7	Equador
8	Uruguai	8	Uruguai	8	Uruguai
9	Paraguai	9	Paraguai	9	Paraguai

PRODUÇÃO: AMÉRICA DO SUL (t)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Colômbia	1	Colômbia	1	Peru
2	Argentina	2	Brasil	2	Brasil
3	Brasil	3	Argentina	3	Colômbia
4	Peru	4	Peru	4	Argentina
5	Chile	5	Chile	5	Chile
6	Bolívia	6	Bolívia	6	Bolívia
7	Equador	7	Equador	7	Equador
8	Uruguai	8	Uruguai	8	Uruguai
9	Paraguai	9	Paraguai	9	Paraguai

PRODUTIVIDADE: AMÉRICA DO SUL (t/ha)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Argentina	1	Argentina	1	Argentina
2	Colômbia	2	Colômbia	2	Brasil
3	Chile	3	Chile	3	Chile
4	Brasil	4	Brasil	4	Colômbia
5	Equador	5	Peru	5	Uruguai
6	Peru	6	Uruguai	6	Peru
7	Uruguai	7	Equador	7	Equador
8	Paraguai	8	Paraguai	8	Bolívia
9	Bolívia	9	Bolívia	9	Paraguai

PRODUÇÃO PER CAPITA AMÉRICA DO SUL (kg/hab/ano)

Ranking	Década de 80 ⁽¹⁾	Ranking	Década de 90 ⁽²⁾	Ranking	Década de 2000 ⁽³⁾
1	Bolívia	1	Bolívia	1	Peru
2	Peru	2	Colômbia	2	Bolívia
3	Colômbia	3	Chile	3	Chile
4	Chile	4	Peru	4	Colômbia
5	Argentina	5	Argentina	5	Argentina
6	Uruguai	6	Uruguai	6	Uruguai
7	Equador	7	Equador	7	Equador
8	Brasil	8	Brasil	8	Brasil
9	Paraguai	9	Paraguai	9	Paraguai

(1) Média por país entre 1983 e 1985 - (2) Média por país entre 1993 e 1995 - (3) Média por país entre 2003 e 2005.

Choque de gestão na bataticultura nacional

A liderança brasileira será alcançada quando o País puder ofertar a batata a um preço competitivo internacionalmente, tiver uma indústria processadora forte e uma melhor organização da estrutura de comercialização do produto *in natura*.

Um passo inicial para o Brasil atingir a liderança no cenário global é diminuir os custos de produção através de um choque de gestão das propriedades. Assim, os bataticultores terão que avaliar quais os principais itens que encarecem a produção e buscar formas de minimizá-los, além de investir em tecnologias de produção (semente, irrigação, fitossanidade e nutrição) e no uso racional dos insumos na propriedade.

Para isso, é importante um amplo estudo sobre o custo de produção brasileiro a fim de se desenvolver índices que possibilitem uma análise comparativa da competitividade nacional com os principais produtores do tubérculo. Até o próximo *Especial Batata*, previsto para outubro de 2007, a **Hortifruti Brasil** deve divulgar outro estudo próprio, mais completo, sobre as formas

de melhorar o gerenciamento agrônomo e comercial das propriedades bataticultoras do País.

Preliminarmente, uma análise exploratória comparando os custos de produção nacional com os da Argentina e dos Estados Unidos mostra algumas iniciativas que a bataticultura brasileira deve tomar para am-

pliar sua competitividade em termos globais e estabelecer metas para diminuir o custo de produção.

Apesar das limitações metodológicas desta análise preliminar - já que a coleta de dados não seguiu os mesmos procedimentos amostrais nos diferentes países, as variedades e as tecnologias são distintas -, é possível avaliar de forma relativa os principais itens que oneram os custos de produção de cada país, o valor despendido por hectare e a distribuição dos gastos.

Para a safra 2006/07, o custo variável de produção argentino da batata *in natura*, do sudeste de Buenos Aires foi de aproximadamente US\$ 3,1 mil/ha, com uma produtividade média 38 t/ha - incluindo o arrendamento da terra, semente, defensivos, fertilizantes, irrigação, mão-de-obra, impostos e encargos e sacaria⁷.

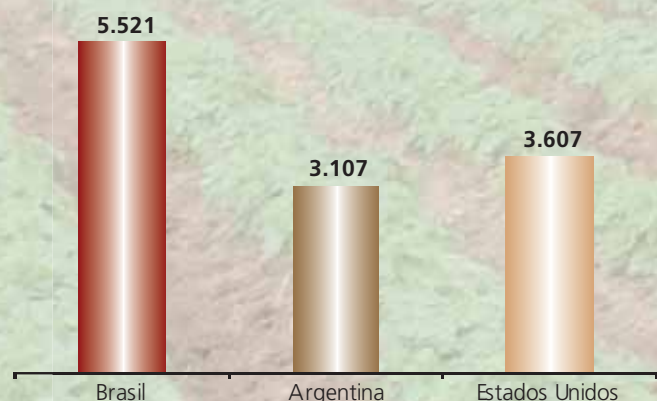
Nos Estados Unidos, no mesmo período, os gastos por hectare - incluindo semente, fertilizante, defensivos, assistência técnica, irrigação, gastos com maquinário, combustível e lubrificante, mão-de-obra e encargos -, foram de cerca de US\$ 3,6 mil/ha, para uma produtividade de aproximadamente 55 t/ha no sudeste de Idaho, importante região produtora de batata⁸.

No Brasil, em 2006, o Projeto **Hortifruti Brasil**, do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) estimou, junto aos principais produtores do Sudoeste Paulista, os gastos, em torno de US\$ 5,5 mil/ha, para uma produtividade média de 30 t/ha. Esse custo inclui fertilizante, sementes, defensivos, combustível, reparos mecânicos, irrigação, mão-de-obra, beneficiamento, impostos, seguro, encargos sociais, assistência



**CUSTO BRASILEIRO
É MUITO ALTO
EM COMPARAÇÃO
AO DE PAÍSES
COMPETITIVOS
NO MERCADO
MUNDIAL DE BATATA**

CUSTO DE PRODUÇÃO POR HECTARE, US\$



Fontes: Cepea; Constantino⁷; Patterson⁸

técnica e financiamento do capital de giro.

A baixa eficiência brasileira é observada na planilha de custo de produção. Um dos maiores gastos é com defensivos e adubos, no entanto, nossa produtividade ainda é muito baixa em relação à média mundial. Em outros países, como na Argentina, estes insumos representam bem menos do total do custo de produção e a produtividade é mais elevada. Vale lembrar que as condições climáticas e a fertilidade do solo argentino são mais favoráveis ao cultivo do tubérculo, mas nada impede que o desenvolvimento de materiais genéticos mais adaptados às condições brasileiras, aliado ao melhor manejo nutricional, hídrico e fitossanitário, possam ampliar a produtividade sem elevar os gastos com adubos, defensivos e irrigação.

Além da questão genética, a busca por controles alternativos, como a adoção de programas de produção integrada, também pode contribuir para a redução do custo com insumos, além de melhorar a imagem da batata quanto às questões de segurança do alimento – apelo crescente no setor alimentício nacional. Assim, o País poderia inibir a entrada da batata *in natura* beneficiada – apesar de já ser restrito o volume importado – e estimular o desenvolvimento da agroindústria nacional para a produção da batata pré-frita congelada, por exemplo, segmento muito dependente das importações hoje em dia.

Apesar de os custos de produção da Argentina serem menores, a exigência do consumidor brasileiro por produto de boa aparência – lavado e de pele lisa – acaba se tornando uma barreira à entrada da batata *in natura* argentina. Mesmo que o país vizinho estimulasse a demanda brasileira por batata não beneficiada, não é permitido le-

galmente entrar apenas batata escovada no País, mantendo uma barreira legal ao produto brasileiro fresco.

Por outro lado, o elevado custo de produção nacional impede o avanço da agroindústria brasileira, ao mesmo tempo em que estimula o processamento em outros países, mesmo que o foco seja o mercado brasileiro – isso ocorre com a Argentina. Em função do alto custo da matéria-prima, a indústria brasileira de batata não avança e não consegue adquirir o tubérculo a valores menores que US\$ 10,00 e US\$ 15,00/sc de 60 kg, enquanto que no vizinho, esse custo é cerca de metade. O Brasil só será mais competitivo quando conseguir diminuir seus custos. Se isso não ocorrer, a bataticultura não ampliará sua inserção no mercado global, mantendo, simultaneamente, espaço aberto para o produto importado. ■

Referências:

¹As estatísticas de produção, produtividade, área, preço, valor da produção, exportação e importação mencionadas no texto e sem citação da sua fonte foram extraídas da FAO no endereço eletrônico: <http://apps.fao.org>. Acesso em 17 de setembro de 2006.

²WALKER, T.S; SCHMIEDICHE, P.E; HIJMANS, R.J. World trends and patterns in the potato crop: An economic and geographic survey. Potato Research, n. 42, p.241 –264, 1999.

³China Frozen Potato Products Annual 2005. USDA Foreign Agricultural Service Report (07/14/2005). Disponível: <<http://www.fas.usda.gov>>. Acesso em 17 de setembro de 2006.

⁴Meinecke, M.U. El mercado de la patata fresca y transformada em Alemania. Instituto Español de Comercio Exterior, Marzo 2005.

⁵Potato Association of America Handbook. Commercial Potato Production In North America. Disponível: <<http://cropandsoil.oregonstate.edu/classes/CSS322/Cppina.htm>>. Acesso em 15 de setembro de 2006.

⁶Producción de papa em Peru. Disponível em: <http://www.argenpapa.com.ar/>. Acesso em 17 de setembro de 2006.

⁷CONSTANTINO, S. Custo de Produção de Batata no Sudeste de Buenos Aires na safra 2006/2007, Balcarce, agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.argenpapa.com.ar/default.asp?id=226>>. Acesso em 17 de setembro de 2006.

⁸PATTERSON, P. E. 2004 Cost of Potato Production Comparisons for Idaho Commercial Potato Production. Agricultural Economics Extension Series No. 04-13. University of Idaho. December 2004.



Supra
Fertilizantes

Qualidade que se vê



A Supra Fertilizantes tem um programa nutricional adequado para cada fase da cultura.
Dept. Comercial (19) 3894-3141



Maior Enraizamento

Melhor Sanidade

Melhor Pós-colheita

Maior Produtividade



Exclusivo modo de ação.

A DuPont está lançando Rumo® WG para batata. Rumo® WG é um inseticida com exclusivo modo de ação, que previne as perdas causadas pela Traça-da-batata (*Phthorimaea operculella*) de modo rápido e eficiente.

Benefícios:

- Elevada eficiência.
- Ideal para o gerenciamento de insetos resistentes.
- Confere maior proteção à área foliar da planta da batata.
- Ideal para o Manejo Integrado de Pragas.
- Facilidade no manuseio e descarte de embalagens.

© Copyright 2005-2006, DuPont do Brasil S.A. - Todos os direitos reservados.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônômico.



0800 701-0109



www.ag.dupont.com.br

A close-up photograph of a woven basket filled with smooth, golden-yellow potatoes. The basket is made of a coarse, natural fiber material. The background is dark, making the potatoes stand out. The lighting is soft, highlighting the texture of the potatoes and the basket.

DuPont™
Rumo® WG
inseticida



Os milagres da ciência

Preços são os menores da história



Oferta começa a diminuir em outubro



Cebola a R\$ 0,10/kg

O valor recebido por produtores pela cebola caiu em setembro, passando para a média de R\$ 0,10/kg (ipa e superex). Foi o menor preço registrado em setembro desde o início do levantamento do Cepea, em 2001. O movimento de baixa já dura três meses, e, neste período, o valor permaneceu abaixo do mínimo necessário para cobrir os gastos com a cultura, que varia de R\$ 0,25 a R\$ 0,30/kg, dependendo da região e da produtividade considerada. No Nordeste, por exemplo, os preços de setembro foram tão baixos que não compensaram sequer a colheita. Segundo produtores do Vale do São Francisco (BA), o custo para arrancar a cebola é de aproximadamente R\$ 0,07/kg, ao passo que o preço médio da região, em setembro, foi de R\$ 0,09/kg (ipa). Assim, alguns cebolicultores decidiram interromper as atividades de campo ou destinar a cebola para consumo animal. Já nas lavouras de São Paulo, principal abastecedor do mercado nacional no momento, a cebola superex, em setembro, teve média de R\$ 0,10/kg, queda de 61% em relação a agosto e de 80% sobre setembro de 2005. Cebolicultores comparam a crise deste ano à de 1996, quando a elevada oferta derrubou os valores do bulbo a níveis próximos aos praticados atualmente. Nesta safra, porém, o alto custo de produção tem limitado ainda mais a rentabilidade dos produtores. Agentes afirmam que as elevadas despesas com a cultura trouxeram impactos muito mais negativos neste ano.



Menos cebola em outubro

A oferta nacional de cebola deve começar a diminuir em outubro, com o fim do pico de safra em São José do Rio Pardo (SP) e Minas Gerais, elevando o preço do bulbo. No entanto, a maioria dos agentes não acredita em grande valorização. Apesar de São Paulo e Minas Gerais terem diminuído a oferta, essas regiões devem continuar abastecendo o mercado interno em outubro, em decorrência da grande produção dessas praças neste ano. Assim, o volume de cebolas mineiras e paulistas ofertado em outubro ainda deve ser significativo. O Vale do São Francisco (BA) deve continuar a colheita no vazante do lago do Sobradinho, onde a safra começou em setembro.



Entendendo a crise

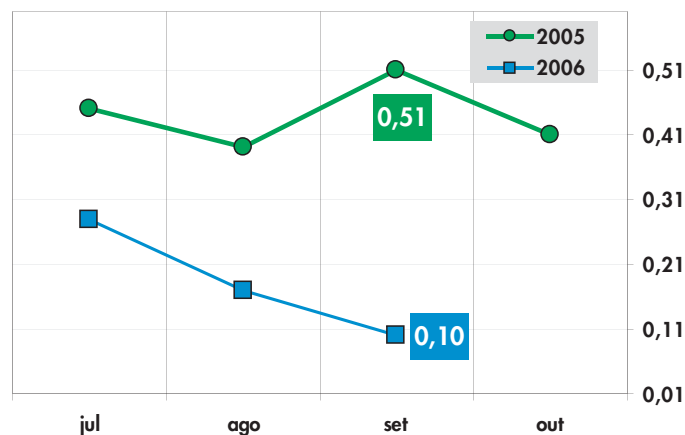


A contínua queda dos preços da cebola desde o final de julho está relacionada à maior oferta, reflexo do aumento do plantio em cerca de 40% nas regiões mineiras e 10% nas paulistas neste ano. No entanto, a desvalorização do bulbo foi muito maior que o esperado, visto que a produtividade também aumentou em todas as regiões produtoras. Em São Paulo, o ganho de produtividade na maioria das lavouras ocorreu devido ao aumento do plantio direto. Já nas roças do Vale do São Francisco (BA) e de Minas Gerais, o clima favorável durante a fase de plantio foi o fator responsável pelo aumento da produtividade dos bulbos tardios.



Irecê diminui produção do segundo semestre

A safra do segundo semestre em Irecê (BA) deve começar a ser colhida em meados de outubro. A área cultivada neste período, que normalmente é inferior à do primeiro semestre, deve ser ainda menor neste ano, reflexo da queda de produtividade nas lavouras da região, ocasionada pelas chuvas do início de 2006. A área de cultivo da região no segundo semestre de 2005 foi de, aproximadamente, 350 hectares.



Menor preço dos últimos anos

Preços médios recebidos pelos produtores paulistas pela cebola superex - R\$/kg

Fonte: Cepea



São José de Ubá termina safra no vermelho



Sumaré volta ao mercado

Mais prejuízos em São José de Ubá

A safra de inverno de São José de Ubá (RJ) deve terminar na primeira quinzena de outubro com números negativos. Produtores da região enfrentam problemas há quatro anos e, nesta temporada, a principal causa dos prejuízos foi a concentração de oferta entre julho e agosto. Em julho, o tomate salada AA longa vida foi comercializado a R\$ 5,78/cx de 23 kg, em média, nas roças da região. Já em agosto, período de pico de safra em São José de Ubá, o preço médio registrado nas lavouras foi ainda menor: R\$ 4,62/cx de 23 kg. Como esses valores eram insuficientes para cobrir os custos de produção, muitos tomaticultores diminuíram os tratos culturais ou abandonaram as roças, restringindo a oferta de tomate de boa qualidade em setembro. Assim, a região não se beneficiou da valorização registrada no mercado nacional no período. Para 2007, a expectativa de produtores de São José de Ubá é que a área de plantio seja inferior à de 2006, quando 8,5 milhões de pés foram plantados. Diante da contínua descapitalização, muitos tomaticultores pensam em reduzir os investimentos.

Começa a colheita do segundo plantio em Sumaré

Após o tradicional intervalo na colheita em setembro, produtores de Sumaré (SP) voltam ao mercado em outubro. A estimativa dos tomaticultores é que tenham sido cultivados cerca de 2 milhões de pés na região nesta temporada, incluindo as lavouras de Elias Fausto (SP) e Monte Mor (SP). Já em Paty do Alferes (RJ), a colheita do segundo plantio deve aumentar em outubro. Cerca de 40% da safra fluminense já havia sido colhida em setembro, segundo tomaticultores. A expectativa é que a safra de inverno dessas regiões seja finalizada em meados de dezembro.

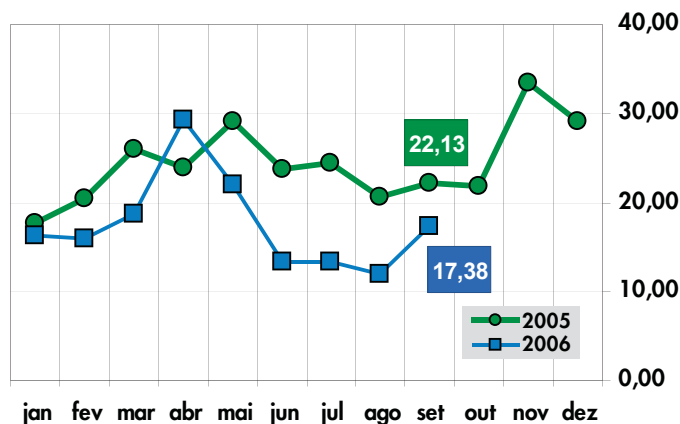
Geadas prejudica lavouras do Sul

Na primeira quinzena de setembro, geadas atingiram algumas lavouras de tomate do Sul. O município de Marilândia do Sul (PR) foi um dos mais prejudicados, com cerca de 70% dos 2 milhões de pés cultivados perdidos,

segundo produtores. Nas demais praças do norte do Paraná, o frio apenas retardou o desenvolvimento do fruto e atrasou o início da colheita, previsto para outubro, em cerca de um mês. Em Reserva (PR), estima-se que aproximadamente 1,8 milhão de pés tenham sido perdidos, mas parte dos tomaticultores já havia replantado as mudas ainda em setembro. Já em Caçador (SC) e Urubici (SC), os prejuízos não foram grandes, visto que, quando ocorreram as geadas, o transplante das mudas ainda não havia sido realizado. A expectativa é que a safra catarinense comece no final de dezembro. No Sudeste, as geadas foram fracas e a temperatura não foi baixa o suficiente para provocar danos significativos nas roças.

Reação no mercado de tomate

A diminuição da oferta registrada em setembro elevou os preços do tomate salada AA longa vida. No atacado de São Paulo (SP), o produto foi comercializado a R\$ 17,38/cx de 23 kg, em média, alta de 46% em relação a agosto. Para outubro, a expectativa é que os valores do produto sigam estáveis. Apesar do início da colheita de Sumaré (SP) e da intensificação da safra de Paty do Alferes (RJ), o encerramento da safra de São José de Ubá (RJ) e a diminuição da oferta em Araguari (MG) e Mogi-Guaçu (SP) devem manter a oferta equilibrada.



Preços reagem em setembro

Preços médios de venda do tomate AA, longa vida, no atacado de São Paulo - R\$/cx de 23 kg

Fonte: Cepea



Sudoeste Paulista inicia colheita



Geada prejudica lavouras do Paraná



Sudoeste Paulista entra no mercado

A colheita de batata no Sudoeste Paulista começa em outubro, mas um volume maior deve ser ofertado somente em novembro, quando ocorre o pico de safra na região. Segundo produtores locais, as lavouras estão se desenvolvendo bem. Até o final de setembro, não foram registrados problemas relacionados a pragas ou doenças nas roças. A geada ocorrida em setembro não causou perdas. Segundo bataticultores, a produtividade desta safra deve ficar em torno de 30 t/ha. O Sudoeste Paulista deve ser beneficiado pela menor oferta nas demais regiões produtoras em novembro. No Paraná, a colheita foi atrasada para dezembro, por causa da geada. Em Vargem Grande do Sul (SP) e Cristalina (GO), a safra deve finalizar em novembro.



Menor oferta em Vargem Grande do Sul e Cristalina

A oferta de batata em Vargem Grande do Sul (SP) e Cristalina (GO) deve diminuir em outubro, com a proximidade do final da safra local, previsto para novembro. Com a menor oferta no período, o preço do tubérculo pode reagir, principalmente após a segunda quinzena do mês. Em outubro, se a qualidade for ainda mais depreciada pelas elevadas temperaturas, a valorização da batata poderá ser minimizada. A temperatura elevada no inverno deste ano depreciou a qualidade dos tubérculos de Vargem Grande do Sul que, segundo os atacadistas, já não é era boa. Segundo produtores, deve ser colhido 20% da área cultivada em Vargem Grande do Sul neste mês. Em Cristalina, 1.200 ha serão colhidos entre outubro e novembro. Em setembro, não foram verificados tubérculos com qualidade depreciada nesta região.

Geada deve reduzir oferta no Paraná

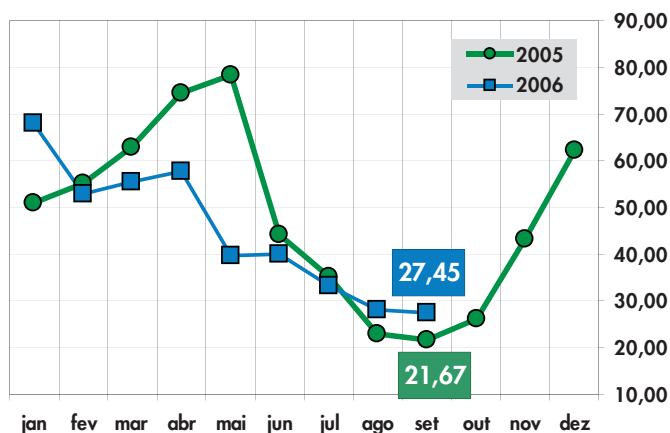
A frente fria que chegou ao Sul do País no início de setembro trouxe geada às regiões de Curitiba (PR) e Ponta Grossa (PR), afetando a qualidade do tubérculo

nas roças atingidas. O principal problema foi a diminuição do diâmetro da batata. Os danos só não foram maiores porque haviam poucas lavouras emergidas na região, em decorrência da estiagem no inverno deste ano, que atrasou a brotação dos tubérculos. Em Guarapuava (PR), as lavouras não foram prejudicadas porque o plantio estava apenas iniciando quando ocorreu a geada. A principal consequência dessa adversidade é o atraso da colheita, que começaria em novembro, para dezembro. Com isso, a oferta em novembro deste ano deve ser inferior à registrada no mesmo período de safras anteriores.



Excesso de oferta segura preço

O volume de batata continuou elevado em setembro, período de pico de safra nas regiões de Vargem Grande do Sul (SP) e de Cristalina (GO). Com isso, os preços do tubérculo não subiram. A batata especial foi comercializada a R\$ 27,45/sc de 50 kg, em média, no último mês no atacado de São Paulo (SP), praticamente estável em relação ao registrado em agosto. A expectativa dos atacadistas é que o preço volte a subir em outubro, com a diminuição da oferta em algumas regiões produtoras.



Preço praticamente estável

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

fator C2

O resultado é a diferença

Cabrio Top | Cantus

Uma nova era de produtividade no campo.



F3

Fator C2 é uma proposta com indicações de Cabrio Top e Cantus.
Atenção para o uso correto. Seguir recomendações de uso.

Fator C2. Você vai ver a diferença.

- Maior produtividade,
maior rentabilidade
- Qualidade, tecnologia e proteção
- Manejo de resistência



ATENÇÃO
Este produto não pertence à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente a etiqueta e observe as instruções contidas no rótulo, no tubo e no resíduo. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por pessoas de idade inferior a 18 anos.
Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob responsabilidade agrônoma.
PRIMEIRO O MANEJO INTEGRADO

FALE COM A BASF: 0800 0192 500
www.agro.basf.com.br agro@basf.com

Cultivando Inovação,
Criando Valor

BASF
The Chemical Company



Livramento de Nossa Senhora colhe menos



Estiagem diminui safra 2006/07 em São Paulo



Frio reduz safra de Livramento de Nossa Senhora

A produção de manga de Livramento de Nossa Senhora (BA) deve reduzir cerca de 40% em 2006, em comparação a 2005. A quebra de safra se deve às temperaturas mais baixas em julho e agosto, que prejudicaram a fecundação das flores e a formação dos frutos. Como consequência, exportadores estimam que os embarques da região à Europa diminuam aproximadamente 30% em relação à temporada anterior. Neste ano, a fruta de Livramento de Nossa Senhora não deve ser enviada aos Estados Unidos, em decorrência da desvalorização do dólar. No mercado interno, a tommy foi comercializada a R\$ 0,73/kg, em média, nas lavouras de Livramento de Nossa Senhora em setembro, alta de 178% em comparação ao mesmo período de 2005.



Baixas temperaturas atrasam pico de colheita no Nordeste



Contrariando as expectativas, as baixas temperaturas noturnas registradas em setembro no Nordeste atrasaram a maturação da manga em até duas semanas. Assim, um aumento significativo na colheita da fruta em Petrolina (PE), Juazeiro (BA) e Livramento de Nossa Senhora (BA) só ocorreu nos últimos dias de setembro. Como consequência, os preços pagos ao produtor pela tommy mantiveram-se em patamares bem maiores que os observados no mesmo período de 2005. Nas roças do Vale do São Francisco, a tommy foi comercializada a R\$ 0,73/kg, em média, no mês, valor 128,12% superior ao verificado em setembro do ano passado. O pico de safra nas principais regiões produtoras deve iniciar somente na segunda quinzena de outubro e se estender até a segunda quinzena de novembro, pressionando o valor da manga no período.



Estiagem diminui safra paulista

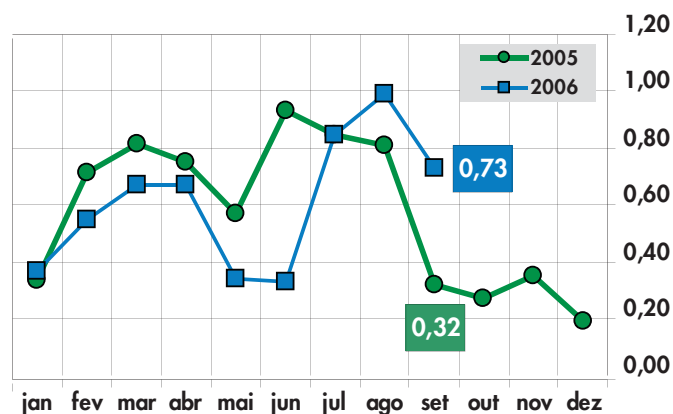
A estiagem registrada em agosto e setembro danificou pomares de Monte Alto (SP) e Taquaritinga (SP) e comprometeu a safra 2006/07 dessas regiões. A expectativa de produtores locais era que a produção fosse superior à obtida em 2005/06, mas com as perdas, deve ser semelhante à anterior. A colheita nas lavouras irrigadas deve começar na primeira quinzena de outubro. Já nos pomares onde não há irrigação, um volume significativo só deve ser colhido no final deste mês. A primeira variedade a ser colhida na região é a tommy, seguida da palmer (entre janeiro e fevereiro de 2007) e da keitt (em março de 2007). O pico de safra da tommy, em Monte Alto e Taquaritinga, deve ocorrer entre o final de outubro e novembro.



Exportações aumentam, mas preço cai



A expectativa dos exportadores brasileiros é que os embarques de manga à Europa e aos Estados Unidos em outubro estejam favorecidos pela saída dos principais concorrentes do País do mercado. Contudo, o preço pago ao exportador deve cair em outubro, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, devido ao aumento de oferta da manga nas principais regiões produtoras do Nordeste. Esse cenário deve refletir em menor rentabilidade ao produtor. Em setembro, os preços recebidos por exportadores brasileiros alcançaram níveis maiores que os praticados no mesmo período de 2005 e 2004, devido à oferta restrita.



Baixa oferta mantém preços elevados
Preços médios recebidos pelos produtores do Vale do São Francisco pela tommy - R\$/kg

Fonte: Cepea

Melão brasileiro ganha mais espaço na Europa




Maior oferta pressiona cotações

Cenário positivo para exportação

As exportações de melão para a Europa devem ser intensificadas em outubro, com o aumento da oferta no período, decorrente do pico de safra nas lavouras do Rio Grande do Norte e do Ceará. A expectativa dos exportadores locais é que os embarques estendam-se até fevereiro de 2007. Diferente do observado na última safra, quando o Brasil perdeu espaço no mercado europeu para países que ofertavam melão de qualidade superior, a boa qualidade da fruta brasileira pode favorecer as exportações neste ano. Segundo produtores, o aumento do controle fitossanitário em 2006 permitiu a colheita de frutas com maior teor de açúcar (brix), principal exigência do mercado internacional. Em setembro, o preço do melão brasileiro comercializado na Europa subiu em comparação com o mesmo período de 2005, segundo exportadores. O motivo para a valorização da fruta foi o incremento do consumo no bloco europeu, favorecido pela elevação da temperatura a partir de agosto.

Menos melão espanhol, mais melão brasileiro na Europa


 Um fator que poderá favorecer a ampliação do volume de melão brasileiro enviado para a Europa no médio prazo é a diminuição da oferta da Espanha, um dos principais concorrentes do Brasil no mercado europeu. Segundo exportadores brasileiros, parte da área espanhola está sendo vendida para loteamentos residenciais, por estarem localizadas em áreas consideradas nobres. Além disso, alguns produtores espanhóis deixaram o próprio país para cultivar melão em Marrocos, na África, onde o valor da terra é menor e as condições climáticas mais favoráveis. No entanto, conflitos religiosos e políticos em Marrocos representam um risco.

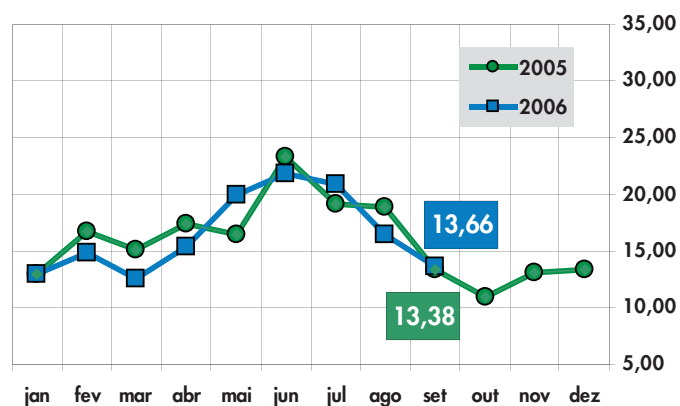
Melonicultores nordestinos combatem a mosca minadora

Produtores de melão do Rio Grande do Norte e do Ceará estão criando alternativas de controle fitossanitário para combater a mosca minadora e reduzir o gasto com defensivos, visto que boa parte dos custos de produ-

ção nessas regiões é destinada ao combate da praga. As principais opções são armadilhas e "plantas-iscas" instaladas ao redor do meloeiro. O ataque da minadora é o principal fator na redução do teor de açúcar do melão, e por isso seu combate é tão importante. Na safra 2005/06, cerca de 30% da produção do Rio Grande do Norte e do Ceará foi prejudicada pela praga. Segundo produtores, o ataque da mosca minadora está menos intenso neste ano. Entretanto, melonicultores dessas praças devem continuar atentos, pois a maior incidência da praga ocorre em outubro.

Elevação da oferta desvaloriza melão

 A intensificação da colheita de melão no Rio Grande do Norte e Ceará em setembro pressionou o valor da fruta. O melão amarelo, tipo 6-7, foi vendido a R\$ 19,11/cx de 13 kg, em média, no atacado de São Paulo (SP), desvalorização de 17,26% em relação a agosto. No início de setembro, produtores que enviam as variedades nobres para o mercado externo também iniciaram a colheita dos melões orange, cantaloupe, gália, charantais e pele de sapo. Atacadistas esperam que nesta safra os produtores não redirecionem a fruta que não for exportada para o mercado interno, como fizeram em 2005, porque houve um melhor planejamento da safra.



Maior oferta desvaloriza melão

Preços médios recebidos pelos produtores do Rio Grande do Norte e Ceará pelo melão amarelo, tipo 6 e 7- R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea



Maiores oferta favorece exportação



Cai preço do havaí



Maiores oferta derruba preço do havaí

O aumento de oferta de mamão em setembro, decorrente das altas temperaturas registradas no Espírito Santo e no sul da Bahia, derrubou os preços da fruta. O havaí, tipo 12-18, foi comercializado em média a R\$ 0,16/kg nas roças do Espírito Santo e do sul da Bahia, desvalorização de respectivamente 92% e 91% em relação a agosto. A queda acentuada de preços surpreendeu até os mais pessimistas, e o preço médio recebido pelos produtores locais ficou muito próximo ao necessário para cobrir as despesas com a produção. Segundo produtores, as baixas temperaturas do inverno desaceleraram a maturação, resultando em um número elevado de frutas verdes nos pés. Com a chegada do calor, os mamões amadureceram rapidamente e tiveram que ser colhidos em um período bastante curto. Acredita-se que esse estresse sofrido pelos mamoeiros no último mês deva refletir em menor produção em novembro.



Formosa entra em "pescoço"

Na segunda quinzena de outubro, a safra de formosa das principais regiões produtoras do País deve entrar em "pescoço" (período de baixa produção), limitando a oferta do produto. No último mês, um ligeiro aumento da oferta reduziu os valores recebidos pelos produtores da fruta para as médias de R\$ 0,29/kg, no oeste baiano, R\$ 0,18/kg no sul da Bahia, e R\$ 0,19/kg no Espírito Santo, valores, respectivamente, 61%, 74% e 74% menores frente a agosto. O valor médio recebido por produtores pelo formosa no oeste da Bahia ficou acima do das demais regiões. A proximidade dessa praça com Brasília e Goiânia, principais mercados consumidores da variedade, proporciona frete menor quando comparado com o do Espírito Santo e do sul da Bahia, que atendem principalmente São Paulo e Rio de Janeiro.



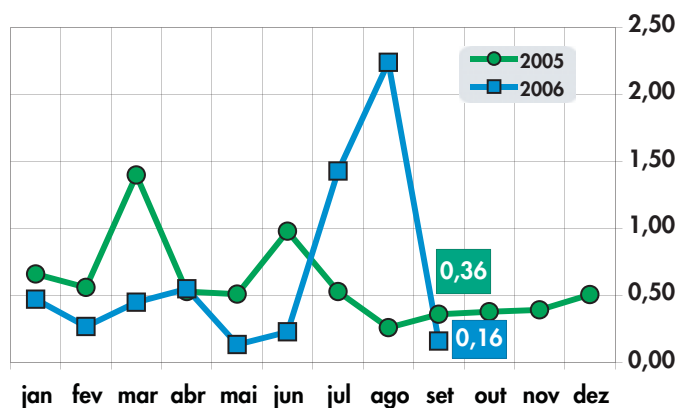
Exportação em alta

O aumento da oferta de mamão e a queda dos preços no mercado interno podem favorecer os embarques de outubro, acreditam exportadores. A menor oferta de frutas típicas nos países importadores também pode contribuir com o melhor desempenho das exportações brasileiras. No último mês, a maior disponibilidade de mamão já refletiu em maiores embarques, e alguns exportadores que haviam deixado de embarcar o fruto voltaram a atender os pedidos. Com isso, houve excesso de mamão na União Européia, o que contribuiu para a queda dos preços praticados no mercado externo nas últimas semanas de setembro. Em agosto, a baixa oferta do mamão e o preço mais alto no mercado interno limitaram as exportações a 1,38 mil toneladas, volume aproximadamente 17% menor em relação a julho e 57% inferior ao registrado no mesmo período de 2005.



Mamão desvaloriza no atacado

A maior oferta de mamão em setembro, aliada às baixas temperaturas no início do mês e ao feriado de 7 de Setembro, resultou na redução dos preços nos atacados. Em setembro, o havaí, tipo 15-18, foi comercializado a R\$ 4,50/cx, em média, no atacado do Rio de Janeiro (RJ), queda de 78% em relação a agosto, e a R\$ 5,60/cx, em média, no atacado de São Paulo (SP), valor 68% mais baixo que o praticado em agosto. Já o formosa foi comercializado, no último mês, a R\$ 6,70/cx, em média, no atacado paulista e a R\$ 9,20/cx, em média, no carioca, desvalorização de 55% e 53%, respectivamente, em comparação a agosto. Para outubro, a expectativa de atacadistas é que o preço volte a subir, com a redução da oferta.



Excesso de oferta derruba preço de havaí

Preços médios recebidos pelos produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí, tipo 12-18 - R\$/kg

Fonte: Cepea



Seca na Europa favorece exportação ao bloco



Termina safra em Pirapora



Rumo à Europa

O foco dos exportadores de uva do Nordeste volta-se ao mercado europeu em outubro, principal importador da fruta brasileira no período. Neste ano, o desempenho das exportações ao continente deve melhorar, em função da diminuição da oferta em importantes regiões fornecedoras do bloco, como Itália, Espanha e Grécia, por causa da seca que atingiu a Europa neste ano. Diante da menor oferta no continente europeu, exportadores brasileiros puderam enviar algum volume da fruta à Europa já em setembro, e a previsão é que haja significativo aumento dos embarques em outubro. Em contrapartida, os embarques para os Estados Unidos e o Canadá, que iniciaram em setembro, devem finalizar na segunda quinzena deste mês. No entanto, a uva brasileira só deve ser comercializada no mercado norte-americano em outubro, após o fim da quarentena da fruta.

Geadas em São Paulo e Paraná não comprometem lavouras

A geada que atingiu os parreirais do Paraná e de São Paulo em setembro não comprometeu as lavouras das regiões. Em Marialva (PR), não houve prejuízo, mas como as parreiras se encontram em fases distintas de produção, agrônomos tiveram dificuldades para avaliar detalhadamente a situação. Em São Miguel Arcanjo (SP), apesar de muitos produtores estarem preparados para a ocorrência de geada, áreas desprotegidas foram atingidas. Segundo a Casa da Agricultura de São Miguel Arcanjo, 5% da área dessa região foi afetada. Em Porto Feliz (SP), Louveira (SP) e Pilar do Sul (SP), apesar da diminuição da temperatura no período, os ventos fortes impediram a formação de geadas.



Pirapora sai; Jales continua no mercado

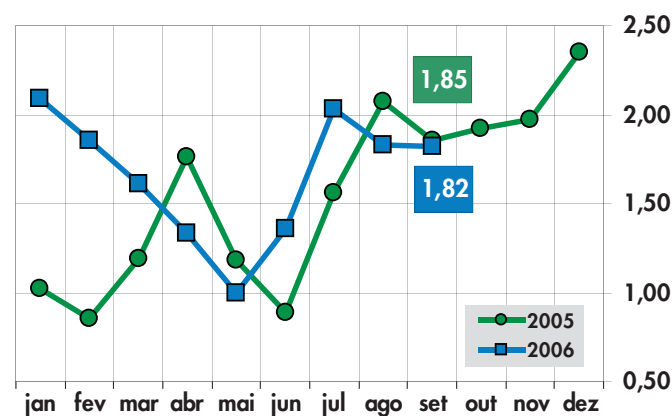
A safra de uva de Pirapora (MG) deve finalizar em outubro. A partir de então, produtores locais realizam as podas de formação. Os preços registrados em Pirapora neste ano foram considerados bons por vicultores. A itália embalada foi comercializada na roça a R\$ 3,14/kg, em média, e a benitaka a R\$ 3,41/kg, em

média, nesta safra, valores 9,8% e 9,6% respectivamente superiores aos registrados em 2005. A elevação do preço neste ano é resultado da menor oferta da região. As chuvas em Pirapora no período de podas causaram quebra de 40% na safra deste ano em relação ao anterior. Em Jales (SP), onde ainda restam 30% da produção para ser colhida, a safra segue até novembro, em ritmo lento. Em setembro, a itália embalada foi vendida a R\$ 1,89/kg, em média, nas lavouras de Jales, alta de 2% em comparação a agosto. A valorização está relacionada à menor oferta na região.



México amplia produção

A produção de uva de mesa do México deve aumentar cerca de 20% em 2007 em comparação a 2006, segundo o USDA. Produtores mexicanos esperam exportar 23% a mais no próximo ano. Para obter esses resultados, muitos produtores estão se tornando mais eficientes, a partir de investimentos em gestão e da ampliação do nível tecnológico, aumentando a produtividade. Além disso, eles acreditam que as condições climáticas em 2007 sejam melhores que as deste ano, favorecendo a produção. Em 2006, a safra do país ficou 52% abaixo da obtida em 2005, de acordo com a Secretaria da Agricultura do México (Sagarpa). Adversidades climáticas durante o ciclo produtivo prejudicaram o rendimento das lavouras.



Redução do volume segura o preço em setembro

Preços médios recebidos pelos produtores pela uva itália - R\$/kg

Fonte: Cepea

Menor oferta pode valorizar a prata



Exportações 46% maiores em relação a 2005



Menos prata no mercado

A finalização da safra de banana prata no norte de Minas Gerais em outubro deve refletir na diminuição da oferta nacional. Já no Vale do Ribeira e no norte de Santa Catarina, que continuam colhendo neste mês, o que deve limitar a disponibilidade de frutas é a falta de chuva desde abril, que dificultou o crescimento de cachos nos bananais. Diante das previsões de menor oferta, produtores esperam que os preços da fruta voltem a subir. Entre agosto e setembro, os valores recebidos por produtores recuaram, devido à elevada oferta no pico de safra em Minas Gerais. Em agosto, a variedade foi comercializada a R\$ 9,84/cx de 20 kg, em média, na roça, queda de 41% em relação a julho. Em setembro, a variedade teve nova retração de preços e foi comercializada a R\$ 8,48/cx de 20 kg, preço muito próximo ao custo de produção.



Aumenta exportação para a Europa

O Brasil exportou de janeiro até agosto deste ano 62 mil toneladas de banana para a Europa, volume 46% superior ao do mesmo período do ano anterior, representando 94% de todo o volume enviado ao bloco em todo o ano de 2005, de acordo com dados da Secex. O aumento das exportações está relacionado à substituição do antigo sistema de cotas utilizado pela União Européia até o final de 2005 pela tarifação única de 176 euros por tonelada de banana importada de países das Américas. Já o volume enviado para o Mercosul, de abril a agosto, foi 24% inferior ao exportado no mesmo período de 2005. Devido à diminuição da oferta de nanica nas regiões produtoras, o preço da variedade no mercado nacional subiu, desestimulando alguns bananicultores catarinenses a exportar a fruta para os países vizinhos. Ainda assim, no geral, o País embarcou no período um volume semelhante ao de 2005. Com o aumento das exportações ao continente europeu e os melhores preços pagos por esses importadores, o Brasil obteve uma receita 20% maior entre janeiro e agosto de 2005, em comparação a obtida no mesmo período do ano anterior. O estado brasileiro que mais

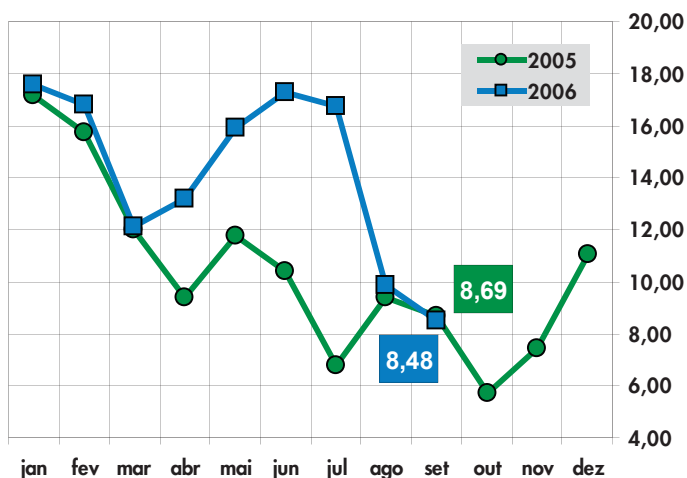
cresceu em participação nas exportações para a Europa foi o Ceará, totalizando 8.840 toneladas embarcadas até agosto deste ano. Esse estado junto com o Rio Grande do Norte são responsáveis praticamente por todo volume exportado para o continente europeu, onde os maiores compradores são o Reino Unido, a Itália, a Holanda e a Alemanha.



Adversidades climáticas prejudicam lavouras de nanica



As lavouras de nanica do Sul e do Sudeste foram prejudicadas por uma frente fria acompanhada de ventos fortes no início de setembro. A temperatura noturna ficou abaixo dos 10°C no período, o que pode resultar em escurecimento da casca da banana. Os ventos desfolharam alguns bananais, prejudicando ainda mais a produtividade, que já está comprometida pela poucas chuvas nessas regiões. Assim, a oferta, que já era reduzida em setembro, deve cair ainda mais, contribuindo para a manutenção dos preços da variedade em patamares elevados. No último mês, o valor médio recebido pelos produtores de nanica do Vale do Ribeira foi de R\$ 9,96/cx de 22 kg.



Preços caem ainda mais

Preços médios recebidos pelos produtores de prata-anã do norte de Minas Gerais - R\$/cx de 20 kg

Fonte: Cepea



Flórida registra segunda menor área em 40 anos



Acordo entre indústria e Faesp ainda não saiu



Flórida não deve gerar excedentes de suco

A Flórida cultivou 214,24 mil hectares de laranja em 2006, segundo censo divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) em setembro deste ano, área 15% inferior à apresentada no censo de 2004. Essa é a segunda maior diminuição de área registrada pelo censo do USDA desde o início de seu levantamento, em 1967. A redução mais significativa ocorreu em 1986, quando a área citrícola do estado reduziu 18,77% em relação à projeção anterior; reflexo das fortes geadas que comprometeram a produção daquele ano. Em 2006, os principais motivos para a diminuição de área foram os estragos causados por furacões que atingiram o estado norte-americano entre 2004 e 2005, o alastramento de doenças e o desenvolvimento urbano. O número de árvores novas totalizou 4,9 milhões, e as em produção, 66 milhões neste ano, quedas de respectivamente 35% e 12,5% em relação a 2004. Com base na série histórica de produtividade da Flórida e no cenário atual do estado, pode-se estimar que o potencial produtivo do parque citrícola será de aproximadamente 200 milhões de caixas nos próximos três anos - isso se os pomares se recuperarem totalmente dos furacões e se a erradicação por doenças não aumentar. Esse cenário indica que não deve existir excedente de oferta no estado norte-americano nos próximos anos, o que pode garantir a sustentação dos preços internacionais do suco.

Demora na renegociação traz prejuízos ao citricultor

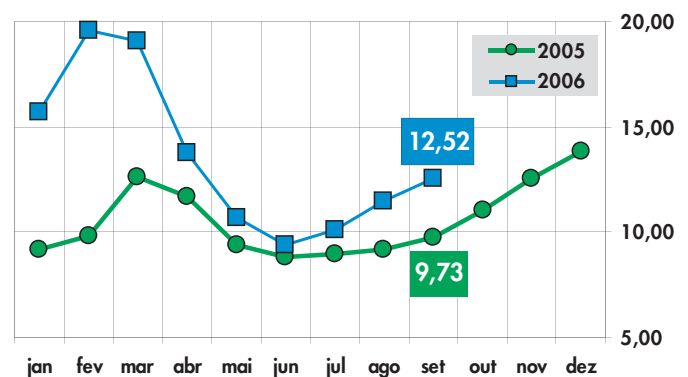
Até o final de setembro, dois meses depois da reunião entre representantes da indústria e dos produtores, na Federação de Agricultura do Estado de São Paulo (Faesp), o acordo para elevar os preços dos contratos de fornecimento da laranja (fechados até dezembro de 2005) ainda não havia sido fechado. Essa demora afeta diretamente a rentabilidade de produtores que têm seus preços de contrato defasados (US\$ 2,80 a US\$ 4,00/cx) em relação aos valores negociados em 2006 (US\$ 4,00 a US\$ 5,50/cx). Para piorar ainda mais a situação, a maioria dos citricultores já entregou boa parte de sua safra às processadoras.

Outro ponto negativo é que a demora para o reajuste pode acarretar na redução de investimentos no parque citrícola, refletindo em queda da produção futura. Além disso, ao contrário de outros segmentos do agronegócio, não há justificativa para uma crise de rentabilidade na citricultura brasileira, visto que o momento é favorável às exportações brasileiras de suco, em função dos preços recordes da *commodity*. Muitos atribuem a demora da indústria para assinar o acordo com a Faesp à cessação do processo pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) de acusação da prática de cartel.



Chuva melhora condição de pomares de São Paulo

As chuvas que atingiram o estado de São Paulo em setembro contribuíram para melhorar as condições dos pomares, debilitados pela estiagem que perdurou por quase todo o inverno. Muitos produtores acreditam que o rendimento da temporada 2006/07 deve ficar em torno de 340 milhões de caixas, volume inferior às 350 milhões previstas no início da safra. As precipitações foram importantes para revigorar as plantas e induzir a abertura de floradas, sobretudo das variedades pêra e precoces (hamlin e westin). Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), com o início da primavera, as chuvas devem aumentar, normalizando a disponibilidade hídrica do solo.



Valor da pêra sobe com diminuição da safra em São Paulo

Preços médios recebidos pelos produtores paulistas pela laranja pêra, na árvore - R\$/cx de 40,8 kg

Fonte: Cepea



TEMOS CONDIÇÕES DE MELHORAR NOSSA COMPETITIVIDADE COM NOVAS CULTIVARES

Entrevista: José Amauri Buso

José Amauri Buso é chefe-geral da Embrapa Hortaliças (Brasília-DF), unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, ligada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. É graduado em Engenharia Agrônoma pela Esalq/USP, onde também fez mestrado em Genética e Melhoramento de Plantas. Em 1986, concluiu o doutorado pela Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos. Atuou também em projetos de cooperação técnica com Cuba e países da África. Na área de pesquisa, liderou projetos de melhoramento genético de batata, cebola, alho e melão.

Hortifruti Brasil: *Quais os avanços recentes na área de melhoramento genético de batata no mundo?*

José Amauri Buso: Depende muito de cada país, pois cada cadeia produtiva foca um determinado conjunto de características: ambientais, econômicas ou de qualidade. Alguns países, por não serem competitivos na produção de semente, estão deixando de ter programa de melhoramento e utilizando materiais de outros países. Às vezes, essa situação é uma decisão do governo, outras, de custo-benefício. O Canadá, por exemplo, já teve um programa de melhoramento público importante, realizado por um grupo de melhoristas competente, mas há dez anos, aproximadamente, esse pessoal aposentou e não entraram outros em seus lugares. Nos Estados Unidos, a maioria dos programas de melhoramento genético de batata está nas mãos do governo ou das universidades, apesar de haver também a participação de algumas associações de produtores. A Inglaterra, que foi produtora de cultivares no passado, teve seu programa de melhoramento de genética da batata interrompido, com a privatização de institutos pela primeira ministra Margaret Thatcher. Na Holanda, o programa de melhoramento está, há alguns anos, completamente nas mãos da iniciativa privada. Já o Brasil é importador de cultivares, sobretudo da Suécia, Alemanha, França, Estados Unidos, Holanda e Canadá.

Hf Brasil: *Qual é o foco atual dos países que mais investem em novas variedades?*

Buso: Cada um desses países procura algo diferente. Na França, por exemplo, eles procuram competitividade, resistência às principais doenças e, em al-

“A razão para desenvolver um programa brasileiro de melhoramento é o fato de os materiais genéticos importados serem selecionados para condições climáticas que não são as prevalentes no Brasil, o que nos torna reféns de uma série de problemas.”

guns casos, características específicas, como o caso de batata para processamento ou pré-frita congelada. A Holanda, em função do aumento da demanda

por sistemas de produção mais sustentáveis – do ponto de vista ambiental –, está correndo atrás de variedades com resistência a doenças que atingem as folhagens, principalmente a requeima. A literatura indica que é necessária uma produção de 100 a 200 mil clones para se obter uma nova variedade. A Holanda, por exemplo, deve estar conduzindo, atualmente, em torno de 1,3 a 1,6 milhão de clones por ano, o que representa de oito a dez novas cultivares por ano. No Chile, a produção está em torno de 150 mil clones por ano, ou seja, a cada dois ou três anos é obtida uma nova variedade. O programa da Argentina, feito pelo Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária (Inta), trabalha com aproximadamente 60 mil clones por ano. Esse país, contudo, tem parcerias estratégicas com os franceses e também com uma empresa holandesa, que envia clones avançados e, com isso, garante novas variedades.

Hf Brasil: *Como estão os programas brasileiros de melhoramento genético de batata para a produção de variedades no País em substituição ao produto importado?*

Buso: O Brasil é, historicamente, dependente de cultivares desenvolvidas fora do País. Com raras exceções, como a cultivar baronesa, desenvolvida pelo Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária (DNPA), instituição anterior à Embrapa. Essa cultivar, desenvolvida pelo doutor Delorge Mota da Costa, foi liberada em 1952, e teve uma

área de produção que chegou a quase 35 mil hectares. É uma área gigantesca para uma única cultivar. A Embrapa fez outras tentativas, mas não teve tanto sucesso. Hoje, o Brasil continua dependendo de cultivares que vêm do exterior. E o que estamos fazendo para diminuir a importação? O País tem hoje um programa que trabalha com cerca de 60 mil clones por ano, envolvendo tanto a Embrapa Hortaliças, quanto a Embrapa Clima Temperado em Pelotas, além de outras empresas privadas e instituições. Há uma parceria estratégica com a Federação Nacional de Produtores de Batata da França, de onde estamos trazendo alguns clones avançados para seleção no Brasil. Estamos também em processo de negociação com o Instituto Nacional de Investigação Agropecuária (Inia) do Uruguai e com a Empresa de Pesquisa Agropecuária Estadual da África do Sul, para trabalharmos alguns temas estratégicos. Estamos programando também a realização de uma reunião temática, ainda neste ano, para ver se conseguimos articular a iniciativa privada às universidades e às instituições de pesquisa federais e estaduais para aumentarmos o número de clones por ano, de 75 a 80 mil para 150 a 160 mil. A razão para desenvolver um programa brasileiro de melhoramento é o fato de os materiais genéticos importados serem selecionados para condições climáticas que não são as prevalentes no Brasil, o que nos torna reféns de uma série de problemas. Além disso, está havendo um aumento

de demanda por novas cultivares por parte de produtores. As cultivares importadas são menos produtivas no País e, para aumentar a produtividade, é necessário utilizar uma quantidade de fertilizante acima do que seria razoável, porque o material importado foi selecionado em condições de terrenos mais férteis que o brasileiro.

“A idéia da Embrapa, se alcançar 160 mil clones/ano, é reduzir o tempo de produção de uma cultivar a cada quatro anos para uma por ano.”

Hf Brasil: *Cultivares mais adaptadas às condições brasileiras são fundamentais para aumentar a competitividade da bataticultura do País?*

Buso: Diria que não é o início de tudo, mas é quase. Há um componente chamado genética, outro ambiental e um outro gerado a partir da interação dos dois. Genética é a cultivar. O ambiental são as formas de manejo: adubação, irrigação, época de plantio, espaçamento e pulverização. Se a cultivar não tem

um potencial produtivo elevado, tenho que colocar uma quantidade maior de adubo e aumentar o calendário de pulverizações. Isso faz o custo “ir para o espaço”. O custo elevado no Brasil é o que levou algumas processadoras de batata pré-frita que vendem para o McDonald’s do Brasil terem ido para a Argentina. Aqui, o produtor tem que colocar 3,5 toneladas de adubo. Na Argentina ele vai com um ‘saleiro’ na frente do trator colocando o adubo.

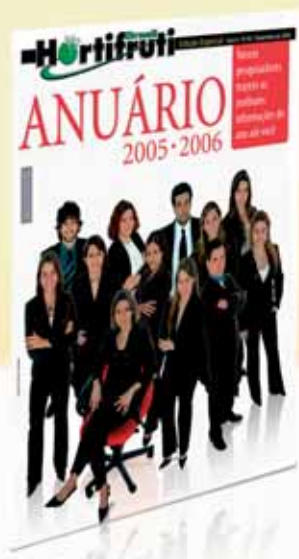
Hf Brasil: *Quais problemas o programa brasileiro de melhoramento está enfrentando hoje para avançar e introduzir cultivares brasileiras no mercado?*

Buso: Faltam recurso e gente. A Embrapa não tem um programa de 200 mil clones por ano para tirar uma variedade de batata por ano porque falta dinheiro. O dinheiro que temos dá para tocar um programa de 60 mil. É do tamanho do Chile e é mais ou menos o tamanho da Argentina, mas é muito menor que o da Holanda. Quanto ao capital humano, o problema é que os programas brasileiros de hoje não têm mão-de-obra suficiente para gerenciar o projeto, selecionar os clones e colocá-los no campo.

Hf Brasil: *Vencidas as barreiras de recursos financeiros e mão-de-obra, temos condições de ter um programa de melhoramento genético de batata que amplie nossa competitividade mundial?*

Buso: Não só há como estamos realizando mais um esforço nesse sentido. A

As melhores **PREVISÕES** do mercado de batata, e de mais oito hortifrutícolas para 2007
você só encontra na **EDIÇÃO DE DEZEMBRO.**



ANUÁRIO 2006*2007

Anunciantes, reservem seu espaço:

maboteon@esalq.usp.br

Tel: (19) 3429-8808

Fechamento comercial 10/II/2006

Embrapa, possivelmente, vai entrar em contato com o Ministério de Ciência e Tecnologia, com o próprio Ministério de Agricultura, com a iniciativa privada e as próprias universidades para colocar as competências brasileiras na área de melhoramento de batata em volta de uma mesa e discuti-las. Vai demorar algum tempo? Vai. Mas já temos alguns resultados, não vamos começar do zero.

Hf Brasil: *Vamos supor que existisse uma taxa de 'CPMF' da batata para desenvolver projetos de melhoramento genético para o setor, qual seria o percentual?*

Buso: A própria associação de produtores de batata já levantou a possibilidade de criar uma pequena taxa de uso tec-

nológico. Na África do Sul, quem financia a pesquisa é a iniciativa privada, mas quem paga o salário do pesquisador é o estado. Acho que isso é um pouco complicado. Assim como no Chile, quem paga a conta no Brasil e nos Estados Unidos é o estado, com raras exceções da iniciativa privada. Na Holanda, o melhoramento e o desenvolvimento de novos cultivares são privado e público.

Hf Brasil: *Qual seria um valor aproximado de custeio anual de um programa de melhoramento genético brasileiro para um setor que, só de valor de produção, tem receita próxima a R\$ 2 bilhões por ano?*

Buso: No Brasil, 85% dos custos de pesquisa são destinados a salário e 15%, ao

custeio. Uma estimativa aproximada, incluindo esses dois itens, seria de R\$ 500 mil por ano para um programa de melhoramento de batata para a seleção de 160 mil clones anuais.

Hf Brasil: *O resultado de todos os investimentos que têm sido feitos seria visto daqui quanto tempo?*

Buso: É bem provável que no ano que vem a Embrapa introduza um ou dois materiais que estão na linha final de produção no mercado. É um material (apenas). Queria ter um ou dois todo ano. A idéia da Embrapa, se alcançar 160 mil clones ano, é reduzir o tempo de produção de uma cultivar a cada quatro anos para uma por ano.



ESTAMOS LONGE DE SERMOS COMPETITIVOS

Entrevista: Paulo Roberto Popp

Engenheiro agrônomo, Paulo Roberto Popp trabalhou na área de pesquisa de empresas como Elma Chips. Hoje, Popp atua como consultor independente, com ênfase à pesquisa, introdução e registro de novas cultivares. Além disso, realiza também estudos técnico-econômicos sobre processamento de batata.

Hortifruti Brasil: *A que o senhor atribui a baixa competitividade brasileira em comparação aos grandes países produtores? Quais os itens que mais pesam no custo e como reduzi-los?*

Paulo Roberto Popp: Reduzir o custo de produção é algo em que sempre devemos pensar. No começo de 2000, quando o dólar estava mais desvalorizado, comparado a hoje, o custo de produção do Brasil estava ao redor de US\$ 4,5 mil/ha. Hoje, está em torno de US\$ 7,5 mil/ha. Só pela mudança do câmbio, o custo da matéria-prima subiu. Outro ponto desfavorável é que o solo que dispomos para batata é muito pobre, o que nos obriga a usar uma quantidade elevada de fertilizantes. Isso indica que uma das alternativas para diminuir os custos seria desenvolver materiais que demandam menos fertilizantes, mas há um limite

para a contribuição genética. Além disso, nosso calendário de plantio permite o cultivo da batata o ano todo, contribuindo para a proliferação de pragas e doenças. Por consequência do clima, a produção de semente também fica cara, pois, para produzir uma semente boa, é preciso aplicar muitos defensivos capazes de controlar diversos tipos de pragas e doenças. Uma nova variedade, mais adaptada às condições do País, ajudaria a reduzir os custos. Mesmo assim, ainda estaríamos longe de sermos competitivos globalmente. Devido ao clima tropical, é difícil abaixar significativamente o custo. Outro aspecto é a exigência do mercado *in natura*, por batatas de boa aparência, classificada e sem defeito. Uma parte da produção acaba sendo jogada fora ou destinada ao mercado de "diversas", sem atingir os padrões da "especial".

Hf Brasil: *Qual a importância da batata-semente para a competitividade da cadeia in natura e industrial?*

Popp: O material genético mudou o cenário da bataticultura brasileira no final dos anos 90. O Brasil saiu da produção média de 15 t/ha e passou para 20 t/ha. Esse fato é atribuído às novas tecnologias aplicadas e aos novos materiais genéticos. Em algumas regiões com irrigação, a produtividade pode chegar a 40 t/ha.

Hf Brasil: *É possível obter material genético mais produtivo que os atuais?*

Popp: O custo de implantação de um programa de desenvolvimento de tecnologia genética é muito caro no Brasil. Como temos dificuldade de captar recursos, há pouquíssimos melhoristas no País. Outro problema é que preci-

Tratamento Biológico de Solo

Stubble-Aid

+

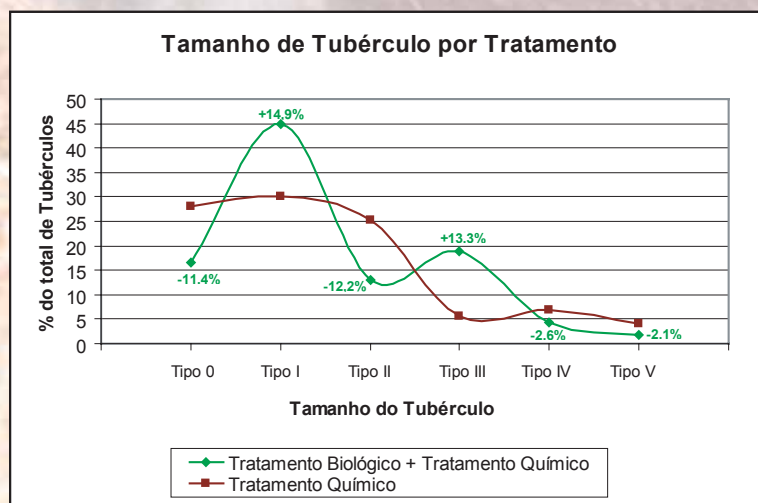


Desenvolvendo as mais inovadoras ferramentas biotecnológicas naturais para aplicação na agricultura, a **Improcrop**® lança a mais moderna opção de tratamento biológico para aplicação no sulco de plantio:

Stubble-Aid + Compost-Aid®

Faça como os principais produtores de Batata do Brasil e colha os benefícios:

- ✓ Emergência mais rápida e uniforme;
- ✓ Melhor arranque e vigor vegetativo inicial;
- ✓ Enraizamento mais vigoroso e profundo;
- ✓ Menor abortamento de tubérculos;
- ✓ Tubérculos mais desenvolvidos;
- ✓ Casca mais lisa e brilhante.



Araxá / MG



samos ter um grande banco genético, o que tínhamos nos anos 80. Na época, a cadeia produtiva e as autoridades que coordenavam o desenvolvimento da pesquisa desejavam que o País se tornasse independente da importação de batata-semente e também de variedades. Eles chegaram a criar algumas cultivares interessantes sob o ponto de vista de resistência e rusticidade, mas como não tinham aptidão para mercado, desapareceram. A última variedade

“Devido ao clima tropical, é difícil abaixar significativamente o custo [no Brasil]. Outro aspecto é a exigência do mercado *in natura*, por batatas de boa aparência, classificada e sem defeito. Uma parte da produção acaba sendo jogada fora ou destinada ao mercado de ‘diversas’.”

pública foi lançada no Brasil há 5 ou 6 anos e não decolou. Por outro lado, um aspecto positivo no Brasil é que se planta batata-semente brotada, o que acelera muito a emergência. Enquanto no Brasil esse processo ocorre em 15 dias, nos Estados Unidos, demora de 30 a 35. Além disso, o processo de desenvolvimento da planta e tuberização é bem mais rápido, devido ao clima. Assim, as variedades precoces, vindas da Europa, têm condições de se adaptarem aqui. Variedades de ciclo mais longo, como a bintje, também foram trazidas, mas seu potencial foi pouco explorado.

Hf Brasil: *É possível reduzir gastos com defensivos e fertilizantes a partir do melhoramento genético?*

Popp: Não podemos desconsiderar a questão de que nosso solo é pobre em nutrientes, principalmente nas regiões onde a bataticultura está em evidência hoje em dia, que são o cerrado mineiro e o goiano. Assim, o emprego de adubo é importante. Deve-se considerar também que existe um pacote tecnológico específico para cada variedade, mas produtores não percebem isso, usando, por exemplo, a mesma formulação de adubo para todas. Além disso, a batata necessita de solo bastante fértil, diferente de outras culturas.

Hf Brasil: *Não seria melhor desenvolver um programa brasileiro e materiais genéticos apropriados às condições brasileiras? A baixa competitividade não está atrelada à nossa base genética pouco adaptada?*

Popp: Acredito que o País merece um programa de desenvolvimento genético, mas para isso, precisa de investimento público ou privado. Pela iniciativa privada é difícil, pois o custo de criação de uma nova variedade é muito alto. Além disso, o consumo de batata no Brasil é relativamente baixo, o que coloca o produto no final da fila, ultrapassado por outros considerados mais importantes. Empresas estrangeiras de sementes poderiam trazer para cá o processo de seleção de variedades realizado em várias partes do mundo, mas o problema é que as variedades seriam clones semi-elaborados, de cinco ou seis anos de seleção e não um material melhorado aqui. Os franceses estão fazendo isso em parceria com a Embrapa. A iniciativa para que se inicie um programa de melhoramento genético em batata deveria mesmo ser pública, através dos institutos de pesquisa estaduais, federais e das universidades. Além disso, quando se trata de elevar a competitividade brasileira, não acredito que a única solução seja desenvolver um programa genético. É todo o sistema de produção da bataticultura brasileira que encarece o tubérculo.

Hf Brasil: *Quais os fatores que favorecem o desenvolvimento da agroindústria argentina e atrapalham este segmento no Brasil?*

Popp: A questão com a Argentina, principalmente na agroindústria, é muito peculiar. Dois pontos devem ser observados. Primeiro, a batata para indústria tem um custo muito elevado aqui no Brasil, por diversos fatores, como o clima. A produção de batata *fré-frita*

“O custo de implantação de um programa de desenvolvimento de tecnologia genética é muito caro no Brasil. Como temos dificuldade de captar recursos, há pouquíssimos melhoristas no País.”

não é muito explorada em clima tropical porque geralmente a produção do tubérculo é mais caro nessas regiões, além de haver pouca pesquisa de base para obter produtos genéticos de qualidade para a indústria nestas condições. Segundo, o custo argentino é bem menor que o brasileiro porque o solo de lá é mais fértil e a quantidade de adubo usada é menor. Além disso, o potencial de produtividade está entre 50 e 70 t/ha no sul da Argentina. A batata argentina chega para a indústria na faixa de US\$ 90/t ou US\$ 3,6 mil/ha, posta na fábrica. Aqui no Brasil, o custo de produção é duas vezes maior, em torno de US\$ 180/t ou US\$ 7,5 mil/ha. A saída para desenvolver uma agroindústria no País é aumentar a demanda. Pelo tamanho do Brasil, considerando uma população de quase 200 milhões de habitantes, o consumo de *pré-frita* congelada ainda é muito pequeno, pouco mais de 100 mil t/ano. Se houvesse um aumento significativo no consumo *per capita*, a Argentina e, talvez o Chile, sozinhos não conseguiriam atender o nosso mercado e, aí, poderíamos ter algumas indústrias no Brasil a fim de complementar o mercado de *pré-frita*. ■

Nova
Formulação!

Dow AgroSciences



Fungicida



Fique tranquilo...
a chuva passa e Dithane* NT fica!

Protege
Batata



Protege
Tomate



Protege
Uva



Dithane* NT

continuará protegendo sua plantação,
mesmo depois da chuva!

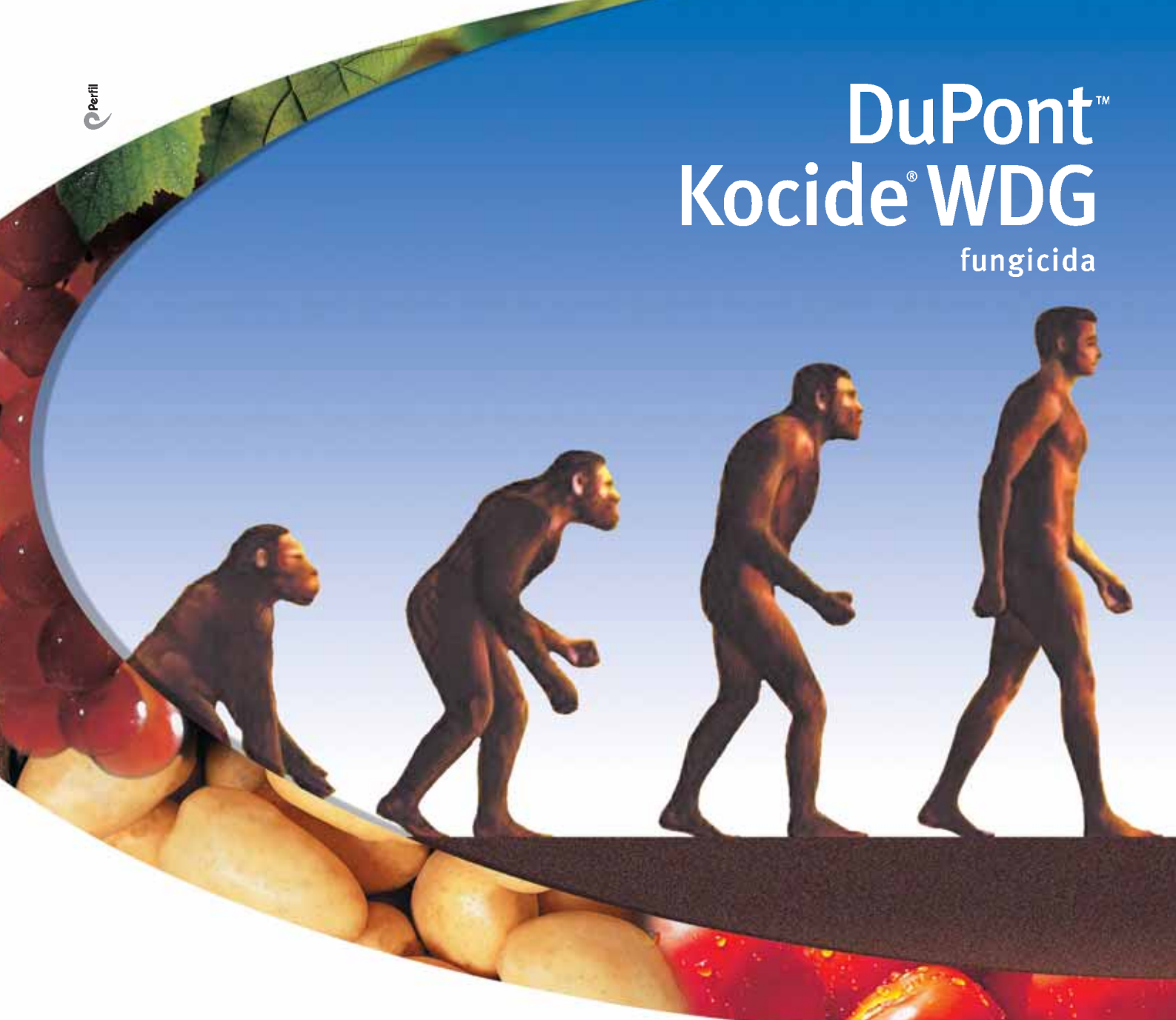
ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por pessoas de idade. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Venda sob receituário agrônomo.



Dow AgroSciences
www.dowagrosciences.com.br

DuPont™ Kocide® WDG

fungicida



A evolução do cobre.

Kocide® WDG é o fungicida cúprico da DuPont à base de hidróxido de cobre, que oferece uma tecnologia revolucionária: o Cobre Bioativo.

Kocide® WDG é uma Evolução em Benefícios para você:

- Cobre Bioativo = **Mais Ativo na Proteção** devido à maior liberação de íons de cobre
- **“Cobre” melhor a planta** - partículas de formato e tamanho ideais
- **Alta seletividade** aos inimigos naturais
- **Formulação GDA** - mais prática e fácil no manuseio e aplicação
- Menos lavável pela chuva - **maior retenção e cobertura foliar**
- Dose menor = **menos cobre metálico no ambiente**
- **Partículas Polimerizadas** - otimização da disponibilidade de cobre para a planta



Os milagres da ciência

© Copyright 2005-2006, DuPont do Brasil S.A. - Todos os direitos reservados.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomico.



0800 701-0109



www.ag.dupont.com.br